

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

RAFAELA VENTURELLA DE NEGRI

**PODER E JORNALISMO: O DISCURSO DA FOLHA DE S. PAULO SOBRE AS
JORNADAS DE JUNHO DE 2013 NO BRASIL COMO MANUTENÇÃO DO PODER**

Porto Alegre

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

RAFAELA VENTURELLA DE NEGRI

PODER E JORNALISMO: O DISCURSO COMO MANUTENÇÃO DO PODER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof^o. Dr. Felipe Moura de Oliveira

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marcia Benetti - UFRGS

Examinador

Prof. Ms. Alexandre Haubrich - UFRGS

Examinador

Prof. Dr. Felipe Moura de Oliveira - UFRGS

Orientador

“O Poder requer corpos tristes. O Poder necessita de tristeza porque consegue dominá-la. A Alegria, portanto, é resistência porque ela não se rende. A Alegria como potência de vida nos leva a lugares onde a tristeza nunca levaria”

Gilles Deleuze

Agradecimentos

A Armando, à Clarice e à Laura

Em primeiro lugar, à Universidade Federal do Rio Grande do sul, renomada instituição de ensino que me proporcionou grande crescimento: acadêmico e pessoal. Suas políticas afirmativas, que me fizeram vivenciar um mundo plural, valorizando o diferente e entendendo as nuances de nossa sociedade. Aos seus, e agora meus, professoras, professores, trabalhadoras e trabalhadores, que cuidam e preservam nossos campus, salas e alunado. Pela oportunidade de conhecer o mundo, dentro e fora da sala da aula, meu mais profundo obrigada.

Minha gratidão a essa Universidade que espero ver cada dia mais cheia, mais inclusiva e plural. Foi um verdadeiro prazer, uma incrível honra e, acima de tudo, um direito à educação de qualidade e prestígio que deveria ser acessível a todas e todos.

Clarice e Armando, meus amados pais, agradeço o apoio incansável e o exemplo. Sua sede por conhecimento, justiça e igualdade foram fundamentais para construir a trajetória que me trouxe até aqui. Me ensinaram, através do exemplo e da ação, que uma vida dedicada ao bem maior, a democracia e ao desenvolvimento da humanidade é uma vida que vale, todos os dias, a pena ser vivida. Meu maior orgulho é dar orgulho a vocês e saber, que, como meus queridos pais, estive firme no lado certo da história. Agradeço por todas reuniões do partido, todos comícios, todas eleições, todas bandeiras.

Aos amigos incríveis que fiz nessa faculdade, que possamos nos rever em breve, e lembrar com carinhos os tempos de graduação. Que nunca esqueçamos de nossa responsabilidade como jornalistas e como cidadãos, que trabalhem lado a lado com a democracia nesses momentos complicados que estão por vir. Nossa profissão será ainda mais importante e devemos nos manter firmes para, juntos, protegermos uns aos outros e àqueles que amamos.

Aos meus professores e professoras, obrigada pelo conhecimento, pela paciência, pelas horas presentes em aulas, correções e dúvidas. Obrigada por formarem em mim um amor sadio pela minha profissão, aguçarem um olhar crítico e uma vontade de mudar o que já não posso mais aceitar. Professor Ferraretto,

obrigada pelo voto de fé que me deste no primeiro semestre, ao me aceitar como tua bolsista. Professor Sean, obrigada pela compreensão e pela ajuda em todos os passos até aqui. E professora Márcia Benetti, obrigada por aceitar o convite e estar presente na minha banca, obrigada pelos ensinamentos, e, mais importante que tudo isso, obrigada por me ensinar que o bom jornalismo comove, move e transforma. Ao jornalista Alexandre Haubrich, pela presença na banca examinadora e pelo livro que embasou o terceiro capítulo deste trabalho. É um privilégio poder chamá-los de colegas e tê-los dito como mestres.

Ao professor Felipe, meu orientador, obrigada por ter aceito meu convite em cima da hora, por ter acreditado no meu trabalho e em mim, quando nem eu conseguia. Tua ajuda, tua disposição constante, boa vontade e carinho foram fundamentais para que eu chegasse nessas páginas que estão aqui em frente a vocês. Elas são o resultado de 24 anos de “sonho, sangue e América do sul” e sinalizam apenas o começo da minha atuação como jornalista. Que eu possa ser tão grande quanto os mestres que me formaram.

Às queridas, fortes, potentes e resilientes mulheres da minha vida, que nos ergamos, que nos façamos fortes, que apoiemos umas as outras, que nos acolhamos em nossas profissões e transformemos esse mundo, que o capitalismo e o patriarcado caiam juntos.

Ao meu país e a América Latina, essa inesgotável fonte de riqueza, dedico minha vida a vocês e à sua liberdade. Que o que nos une sempre seja maior do que o que nos separa, que possamos avançar como região e fazermos do sul nosso norte.

A todas e todos, jornalistas ou não, que acreditam no poder da palavra, acreditam no poder da luta, da militância, dos jovens e da educação. Que juntos construamos um mundo melhor. Que juntos desafieemos a ordem caso essa não seja justa. Que não deixemos ter sossego, até todas correntes terem sido quebradas, aqueles que insistem em nos prender.

Hasta la victoria, siempre!

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo tensionar a relação entre poder, ordem social e o jornalismo, ao analisar as 15 capas do jornal Folha de S. Paulo durante o período das Jornadas de Junho de 2013, as quais estariam na origem da destituição da Presidenta Dilma Rousseff em 2016. Ao examinar as notícias veiculadas na página inicial, foram utilizados instrumentos de Análise de Discurso, assim como contextualização social e estudos das narrativas construídas com a combinação de fotos e textos. A partir das leituras, foram identificados três períodos narrativos, que irão compartimentar nossa análise ao trabalharmos com os mesmos. O estudo conclui que houve uma oscilação discursiva nas capas do veículo, seguindo a opinião pública, ao mesmo tempo que impunha seus interesses.

PALAVRAS-CHAVE: Poder, Jornalismo, Notícia, Folha de S. Paulo, Jornadas de Junho, análise de discurso

ABSTRACT

The present study has the objective to stress the relationship among power, social order and journalism, through the analysis of the 15 front pages of Folha de Sao Paulo Newspaper during the period of the so called Journeys of June 2013, that would be at the origin of the destitution of President Dilma Rousseff in 2016. The study examined the news presented at the front pages, using Discourse Analysis Tool, as well as the use of social context and studies of the narratives built with the combination of photos and texts. Based on the readings of News and previous researches, were identified three narrative periods, which defined the timeframe of the analysis. The study concluded that there was a discourse oscillation in the Newspaper front pages, following the streams of the public opinion, and at the same time imposing its own interests.

KEY WORDS: Power, Journalism, News, Folha de Sao Paulo, Brazilian Journeys of June 2013, Newspaper Discourse Analysis

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Folha da Noite, capa da edição de 19/02/1921.....	39
Figura 2 - Folha da Manhã, capa da edição de 02/09/1939.....	39
Figura 3 - Folha de S. Paulo, capa da edição de 25/01/1984.....	41
Figura 4 - Folha de S. Paulo, capa da edição de 30/09/1992	41
Figura 5 - Folha de S. Paulo, capa da edição de 10/06/2013	43
Figura 6 - Folha de S. Paulo, capa da edição de 11/06/2013.....	45
Figura 7 - Folha de S. Paulo, capa da edição de 12/06/2013.....	47
Figura 8 - Folha de S. Paulo, capa da edição de 13/06/2013.....	50
Figura 9 - Folha de S. Paulo, capa da edição de 14/06/2013	54
Figura 10 - Folha de S. Paulo, capa da edição de 15/06/2013	56
Figura 11 - Folha de S. Paulo, capa da edição de 16/06/2013.....	58
Figura 12 - Folha de S. Paulo, capa da edição de 17/06/2013	61
Figura 13 - Folha de S. Paulo, capa da edição de 18/06/2013.....	63
Figura 14 - Folha de S. Paulo, capa da edição de 19/06/2013	65
Figura 15 - Folha de S. Paulo, capa da edição de 20/06/2013.....	67
Figura 16 - Folha de S. Paulo, capa da edição de 21/06/2013.....	69
Figura 17 - Folha de S. Paulo, capa da edição de 22/06/2013.....	70
Figura 18 - Folha de S. Paulo, capa da edição de 23/06/2013.....	72
Figura 19 - Folha de S. Paulo, capa da edição de 24/06/2013.....	74
Figura 20 - Folha de S. Paulo, capa da edição de 25/06/2013.....	75

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
	1.2 Objetivos	13
	1.2.2 Objetivos específicos	13
2	O MÊS QUE MUDOU O BRASIL: “NÃO É PELOS 0,20 CENTAVOS” E AS JORNADAS DE JUNHO	14
	2.1 Onde e como tudo começou	15
	2.2 Noites históricas: a semana do dia 10 de junho e a vitória do dia 20	17
	2.3 As três importantes quebras de narrativa: a rua em disputa	18
	2.3.1 <i>A noite do dia 13</i>	19
	2.3.2 <i>A celebração da noite de 20 de junho</i>	20
	2.3.3 <i>Os cinco pactos de Dilma Rousseff</i>	20
	2.4 A realidade nas redes: #Vemprarua	21
3	O PODER E O JORNALISMO	24
	3.1 O Poder nas relações e nos corpos	24
	3.2 O Poder, a manutenção e a história única	25
	3.3 O Poder, o Jornalismo e a notícia	28
	3.3.1 <i>Jornalismo como sistema de produção de significados</i>	29
	3.3.2. <i>As notícias</i>	30
	3.3.3 <i>Da desordem à ordem: o trabalho simbólico da notícia</i>	32
	3.3.4 <i>A notícia como construção social e sintoma da ordem vigente</i>	33
	3.4 O jornalismo como o guardião dos poderes	36
	3.4.1 <i>A verdade é deste mundo</i>	37

4 O MÊS QUE AINDA NÃO TERMINOU	38
4.1 A Folha de S. Paulo	38
4.1.2 Editoriais.....	40
4.2 As capas: na onda da opinião pública	42
4.2.1 A mídia versus o povo: 10 a 13 de junho.....	42
4.2.2 Giuliana Vallone e a segunda narrativa: 14 a 19 de junho.....	53
4.2.3 As cinco propostas de Dilma Rousseff: 20 a 25 de junho.....	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
6 BIBLIOGRAFIA	80

PREÂMBULO

Apresento aqui meu trabalho de conclusão de curso. Fruto da evolução de quatro anos e meio de graduação, quatro anos e meio de FABICO e quatro anos e meio de Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição que prezo tanto e que me proporcionou uma série de oportunidades maravilhosas. É também resultado de todos professores e professoras que passaram por minha formação, me abrindo as portas para as teorias e práticas, me ensinando através de seus exemplos. Nesses últimos três meses, período em que escrevi essas quase 100 páginas, passamos por tempos nebulosos, como país e como indivíduos, fato que influenciou diretamente na minha produção. Vi minha nação e meus compatriotas tomarem decisões que nunca achei que voltariam a tomar, optando pela violência, pela negligência e por se curvarem ao neocolonialismo. Mas, ao mesmo tempo, vi a força da militância jovem, a união dos combatentes e que, diante do ódio, o amor é a única resposta. O amor nos faz grandes. E é exatamente isso que sinto pela minha futura profissão: amor. Amor e esperança. Esperança de que possamos ser melhores como profissionais, que o jornalismo reconheça e exerça seu papel democrático, sem segundas intenções, sem Capital para defender, sem banqueiro para proteger. Que sejamos para e com o povo, que levantemos perante as injustiças, que não normalizemos esse sistema que mata e se exime, que destrói e não assume a culpa. Que possamos, analisar, de forma crítica, as correntes que nos prendem e rompe-las, uma a uma. Lembro que na minha primeira semana de aula, em 2014, uma professora me perguntou porque eu havia escolhido cursar jornalismo e brincou "não vai dizer que é pra mudar o mundo". Quatro anos depois, eu digo: é para mudar o mundo sim. E se eu não conseguir, bom, paciência. Como sempre me diz meu pai: "Só perde quem não luta".

1 INTRODUÇÃO

O tema será jornalismo e poder, representado na análise discursiva de 15 capas da Folha de S. Paulo, referentes ao período das manifestações de 2013, cobrindo assim o espaço de tempo dos principais protestos, suas exigências e repercussões. A reflexão é iluminada pela metodologia de Análise de Discurso, aplicada nas capas do jornal no período mais intenso dos movimentos sociais de 2013, vendo como a narrativa dos fatos foi utilizada, aplicada, para a manutenção e retomada da estrutura de poder que permeia nossa sociedade, servindo a interesses específicos.

A nível acadêmico, a análise discursiva, desenvolvendo os sentidos às vezes escondidos da narrativa, é uma oportunidade de reflexão, autoconhecimento e crítica, além de trazer um novo ponto de vista sobre os valores-notícia da nossa sociedade.

Socialmente, e tendo em vista a maturação do jornalismo como um mecanismo de manutenção e criação de poder social, é de interesse público analisar as camadas e interesses que envolvem a escolha da narrativa de um evento político, assim como compreender a estrutura de poder que permeia toda nossa teia social e cultural, deixando explícita a artificialidade das nossas crenças, aspecto que muito reflete na justificativa política dessa escolha, mostrando como as representações dos acontecimentos são usadas como meios para se construir um discurso. O acontecimento já está lá, mas a narrativa que se constrói a partir dele é feita através de uma escolha, escolha essa que é feita em meio a uma estrutura pré-existente de poder, ou seja, ao mesmo tempo que cria novos significados sociais, a narrativa ratifica os já existentes, retroalimentando-se. Esta relação entre acontecimento, representação e discurso é de especial importância para o jornalismo, sistema que lida diretamente com a representação simbólica e ressignificação, confirmando assim seu papel de mediador e de fonte de conhecimento social. As mídias são essenciais para legitimar qualquer governo (WEBER, 2000) e, com isso, tem também a possibilidade de retratá-lo como ineficaz e foi essa a narrativa de ingovernabilidade que, a partir de 2013, ecoou até aqui. Das capas da Folha de S. Paulo, podemos ver um discurso de um governo federal falido e incapaz de resolver as questões sociais e de realizar as mudanças que estavam sendo exigidas pelo povo; isso teve um papel direto nas eleições presidenciais do ano seguinte, nas

quais Dilma Rousseff ganhou, porém não saiu vitoriosa, sendo eleita com apenas 51,6% dos votos¹, uma margem muito pequena, tornando seu segundo mandato um desafio. Novas narrativas de “crise” e ingovernabilidade começaram a permear os discursos, numa união entre mídia, elites e setores conservadores, e em 2016 a presidenta veio a sofrer um golpe parlamentar, deixando seu vice-presidente Michel Temer (PMDB) no comando. Após, um novo modelo de governo se instala, e ainda enfrentando uma crise econômica - que apesar do que foi dito, não era devido aos atos da presidenta - se cria um vácuo de poder em nosso país. É nesse cenário que, no início timidamente, surge Jair Bolsonaro (PSL), com um discurso de novidade política, mesmo sendo deputado federal há 28 anos. Concorre para presidente, com uma campanha baseada na desinformação, notícias falsas e um ódio cego contra o Partido dos Trabalhadores (PT), chega ao segundo turno e vence Fernando Haddad (PT).

O ano de 2013 teve consequências em tudo, nas eleições, no golpe, no fenômeno Bolsonaro. O mesmo vale para a mídia, que esteve e está no centro de todo modelo dos dois golpes que sofremos (o primeiro em 1964, instaurando uma ditadura militar).

“Na construção do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, está claro e notório o papel da mídia na formação da opinião pública favorável à deposição do atual governo, ocultando uma falsa imparcialidade e pluralidade no tratamento do noticiário nacional, sem revelar a atuação do setor econômico, maior interessado na disputa em questão. Os meios de comunicação, como sistema de mídia, tem papel central para reforçar o sistema vigente” (OLIVEIRA, 2016, p.2).

Essa mesma aliança pode ser facilmente notada em todos os golpes latino americanos nas décadas de 50 a 60; no Chile, o local de uma das mais sangrentas ditaduras militares do Cone Sul, o jornal *El Mercurio* foi um dos principais artifícios usados para instaurar uma suposta ameaça comunista e enfraquecer o governo do presidente socialista de Salvador Allende.

“A aliança do jornal com a direita golpista e com os EUA culmina no enredo que conhecemos: o bombardeio do palácio de la Moneda e a morte do presidente, que ganharia uma chamada lacônica na primeira página, abaixo da notícia sobre a tomada do poder pela junta militar: “Morreu Allende”. Nos anos seguintes ao golpe, os anúncios de “procura-se” dos inimigos de Pinochet eram publicados com desfaçatez em primeira página por *El Mercurio*, ao lado da manchete do dia. O documentário relata episódios

¹ Segundo o sistema de apuração do Tribunal Superior Eleitoral (TSE)

escabrosos em que o jornal foi utilizado pela ditadura para dar veracidade às farsas governamentais para encobrir a prisão, tortura e morte de opositores. Somente na década de 1990 o diário deixaria de usar a expressão “suposto” quando se referia às vítimas de Pinochet” (Menezes, 2013).

As ditaduras do Cone Sul são apenas um pequeno exemplo do poder social que permeia a mídia, como um sistema simbólico formador de opinião, seu domínio está sempre em disputa e suas narrativas têm desenrolares concretos.

Acerca da estrutura do trabalho, no primeiro capítulo, faremos uma breve introdução acerca de como o poder se configura em nossa sociedade, desde sua presença nos corpos, até a retroalimentação entre o mesmo e o discurso, introduzindo assim o papel do jornalismo. Seguindo nesta mesma linha, no segundo capítulo, trabalharemos o conceito de notícia e representação da realidade e o sistema de símbolos que permeia o fazer jornalístico, a construção da verdade e o discurso. No terceiro capítulo, serão retratados os eventos de junho de 2013, suas principais datas, principais protestos, a partir dos quais formularemos três períodos narrativos que serão aplicados no próximo capítulo, no qual analisaremos as capas da Folha de S. Paulo do dia 10 de junho até o dia 25 do mesmo mês, abordando o discurso construído e como são apresentadas as notícias. No capítulo final, as considerações acerca do que examinamos, veremos que o discurso foi alvo de um jogo de poder que afetando a imparcialidade do veículo.

Como embasamento teórico, trabalharemos, nos primeiros capítulos, com as noções de poder de Foucault e Bourdieu, para depois avançarmos para o exame da notícia como construção social, com Benetti, Gomes e Motta. Para o capítulo de análise, traremos conceitos da Análise de Discurso, tendo Charaudeau como base e trazendo alguns aspectos de Lippmann e de sua obra “Opinião Pública” (2008), tratando acerca da intersubjetividade e do discurso como um sintoma e uma consequência das ordens sociais, compreendendo que o discurso não existe em si, mas sim entre em um espaço com sujeitos e que depende de mapas sociais para ser acessado, configurando o jornalismo como um modo de conhecimento e acesso ao mundo.

Neste contexto, o problema de pesquisa é representado na pergunta: como o exercício do poder por meio do jornalismo se expressa em 15 capas do jornal Folha de S. Paulo durante as manifestações de junho de 2013 no Brasil?

1.2 Objetivos

Examinar a presença da ordem vigente nas 15 capas analisadas, percebendo as estruturas de poder presentes nas mesmas.

1.2.2 Objetivos Específicos:

1. Perceber como as Jornadas de Junho de 2013 foi retratada por um dos maiores veículos de imprensa do país.
2. Examinar as oscilações de opinião durante as duas semanas de manifestações analisadas.
3. Compreender como o ano de 2013 e seus movimentos se encaixam num plano e projeto de país defendido pelo poder social vigente.

2 O MÊS QUE MUDOU O BRASIL: “NÃO É PELOS 0,20 CENTAVOS” E AS JORNADAS DE JUNHO

Neste capítulo, nos dedicamos a compreender as “Jornadas de Junho de 2013”, cuja representação midiática nas capas da Folha de S. Paulo serão nosso objeto empírico, vindo a ser analisadas no quarto capítulo deste trabalho.

O Brasil, diferente de países do continente europeu, não tem uma grande tradição de protestos e manifestações, sendo as Jornadas de Junho as de maior repercussão em 21 anos, desde os protestos pelo impeachment do ex presidente Fernando Collor de Mello (1992). O ano de 2013 marcava o terceiro mandato do Partido dos Trabalhadores no poder - o primeiro partido de origem popular a chegar ao governo federal - e também marcaria o início da Copa das Confederações, antecessora da Copa do Mundo, evento que o Brasil iria, pela primeira vez, receber em 2014. E as manifestações de junho, que começaram como um protesto contra o aumento da passagem, abarcariam também as decisões desse mesmo governo, tornando-se protestos contra o papel do país como sede do evento esportivo mundial, culminando no golpe parlamentar - justificado por um impeachment - em 2016, que retirou a presidenta Dilma Rousseff do poder.

A grande maioria dos cientistas sociais respeitáveis - isto é, que são levados a sério por seus pares - sustenta que ocorreu, em 2016, uma ruptura ilegal da ordem liberal-democrática então vigente no Brasil. Mas é necessário reconhecer que, até por conta da ofensiva intensa e por vezes agressiva do governo e de seus apoiadores para impedir que se fale em “golpe”, o debate ainda está vivo. Tenta-se impor o uso de *impeachment* como termo “neutro”, mas - como costuma acontecer - a neutralidade tem lado. Ao tomar a forma pela essência, o uso de *impeachment*, sem qualquer outra qualificação, representa uma efetiva negação da existência de um golpe.(...) Não foi só uma mudança em quem ocupa a presidência. É uma mudança profunda, que se pretende definitiva, imposta unilateralmente e em desrespeito à lei por grupos de dentro do Estado, nas regras do jogo político. Em uma palavra: é mesmo um golpe.² (GGN, 2018).

² Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/golpe-por-luis-felipe-miguel>

Porém, as mudanças causadas pelos intensos meses de inverno de 2013 não terminaram ali. Já em 28 de janeiro de 2018, Roberto Giannetti da Fonseca³, na coluna de opinião do Estadão, afirmou que 2013 não havia, de fato, chegado ao seu fim e que seus desdobramentos seriam vistos na próxima eleição (outubro deste ano, na qual Jair Messias Bolsonaro foi eleito presidente).

Curiosamente, não havia bandeiras de partidos políticos, nem mesmo a figura definida de líderes daquele movimento. O MPL havia sido reduzido a mero coadjuvante de algo anônimo muito maior que surgia espontaneamente como um fenômeno surpreendente na vida política nacional. E que, em minha opinião, ainda está aí à espreita, esperando 2018 chegar, com um nó na garganta e a voz embargada querendo gritar. O fato é que 2013 ainda não terminou, mesmo após o impeachment da presidente Dilma Rousseff, da infundável Operação Lava Jato e da prisão de centenas de políticos, burocratas estatais e empresários corruptos⁴ (O Estado de S. Paulo, 2018).

Então, em primeiro lugar, pensamos que é importante iluminar a falta de clareza sobre os movimentos sociais de 2013. O que começou como a reivindicação pelos direitos ao transporte público, com um viés apartidário liderado pelo Movimento Passe Livre (MPL), terminou aderido e tomado por um emaranhado de pautas, protestos e vozes. Isso fez as manifestações ecoarem pela história brasileira, definindo os caminhos políticos destes últimos cinco anos, como podemos ver na coluna de Giannetti. Sentimos até hoje as mudanças que esse período trouxe à história política de nosso país e, por isso, não é nossa intenção analisar os erros e acertos ou até direções do movimento, mas sim explorar como esses dias da segunda quinzena de junho modificaram a narrativa e o discurso dos principais veículos de imprensa do estado de São Paulo, explicitando a constante captura das representações pelo discurso do poder social.

2.1 Onde e como tudo começou

Uma das primeiras cidades a aderir ao movimento contra o aumento das passagens foi Porto Alegre, capital do nosso estado. Organizados pelo Bloco de Lutas pelo Transporte Público - coletivo criado em 2012, tendo como participantes

³ Roberto Giannetti da Fonseca é empresário e economista, presidente da Kaduna Consultoria, ex-secretário executivo da Camex (2000-2002). Ele é autor do livro “Memórias de um trader” (Editora Thomson)

⁴ Disponível em: <https://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,2013-ainda-nao-acabou,70002168173>

diferentes setores das lutas populares - os coletivos de Porto Alegre se reuniram dia 08 de janeiro de 2013, e tiveram seu primeiro ato no dia 21 do mesmo mês. O evento acontece alguns dias depois do então prefeito José Fortunati (PDT) anunciar o reajuste do preço da passagem para R\$ 3,30. Neste ano em particular, a luta contra o aumento das passagens ganharia espaço e adesão popular, possivelmente por uma combinação entre data, economia e organização do movimento.

Isso por três motivos centrais: as mobilizações em torno desse tema já vinham crescendo nos anos anteriores; a crise econômica vinha fazendo com que os aumentos dos preços das passagens exigissem cada vez mais dos bolsos das pessoas; e, do que ocorrera até ali, dessa vez o aumento das tarifas em Porto Alegre estava previsto para março, e não fevereiro (HAUBRICH, 2018, p.40).

Com a aprovação popular do primeiro ato, um segundo foi marcado para o dia 29 de janeiro, e um terceiro para o dia 18 de março de 2013, logo após o recesso de carnaval. O terceiro ato se configurou como o maior até então: durante sua duração, a marcha duplicou de tamanho, teve grande adesão popular e de vários movimentos sociais. E a pressão foi visível, já que, no próximo dia, Fortunati garantiu que não haveria aumento no preço da passagem. Porém, o prefeito já quebrara seus compromissos antes, e assim o Bloco de Lutas pelo Transporte Público resolveu continuar com os protestos, e um quarto ato foi marcado para o dia 06 de abril.

Entretanto, desavenças internas enfraqueceram o movimento. Atos pequenos foram organizados nos dias seguintes. Até que a prefeitura, contrariando o que havia dito, informa o aumento da passagem para R\$ 3,05, preço que passaria a valer a partir do dia 25 de março. Com isso, um novo ato é convocado para o dia 27, uma quarta-feira marcada por violência policial e prisões, após alguns manifestantes jogarem tinta vermelha no secretário municipal de Governança, Cesar Busatto. A partir desse acontecimento, a mídia voltou sua atenção para as manifestações e uma disputa narrativa se formou entre as mídias dominantes e alternativas de Porto Alegre, criticando e validando o movimento, respectivamente (caso similar viria a acontecer nos veículos de São Paulo). Mais tarde, em abril e maio o movimento foi

se enfraquecendo, até que, em junho, surgiram os protestos na capital paulista, reanimando as lutas em muitas cidades do Brasil.

Em São Paulo, o período histórico começou com um tímido protesto, contabilizando cerca de 500 pessoas. O MPL - Movimento Passe Livre, grupo horizontal, apartidário, formado em 2005 durante o Fórum Social Mundial, convocou o ato um dia após o aumento das passagens de ônibus, metrô e trem, que foram do valor de R\$ 3,00 para R\$ 3,20. Foi deste período que saiu o slogan mais famoso das Jornadas de Junho: “*Não é pelos R\$ 0,20 centavos*”. O protesto no dia 3 de junho interrompeu o trânsito em uma via modesta da zona sul de São Paulo e a partir dali foram marcados mais três encontros, nos dias 6, 7 e 11 do mesmo mês. Houve presença policial nos três atos, porém, no dia 11 as coisas ficaram um pouco mais complicadas, inaugurando um novo período nas manifestações.

2.2 Noites históricas: a semana do dia 10 de junho e a vitória do dia 20

No dia 11, que seria o quarto protesto desde o acréscimo, os manifestantes presentes afirmam que houve brutalidade policial excessiva e desnecessária, assim como prisões, bombas de gás, spray de pimenta e intimidações verbais. Nos dias 12 e 13, as grandes mídias seguiram atacando os manifestantes e criminalizando os atos, chegando ao seu auge quando dois dos maiores veículos de comunicação da capital lançaram editoriais condenando os movimentos. O Estado de S. Paulo publicou o editorial “*Chegou a hora do basta*” e a Folha de S. Paulo, o editorial “*Retomar a Paulista*”⁵, que será, junto com outras 15 capas do jornal, objeto de reflexão em nossa análise.

Na noite do dia 13, um novo ato. Novamente, a violência policial exagerada e desta vez, a grande mídia não pôde fechar os olhos: uma jornalista atingida com uma bala de borracha no olho e mais sete colegas feridos. Um novo ato marcado para o dia 17, agora com o apoio da mídia e as redes sociais tomando um papel de

⁵ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2013/06/1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml>

protagonista. O resultado: um milhão de pessoas foram às ruas de São Paulo. O grande número de manifestantes e a adesão de novas pautas tornaram todo o movimento mais complexo, marcando agora uma disputa de narrativa, como veremos mais adiante.

Dois dias após a maior manifestação do mês, o governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), e o prefeito da cidade de São Paulo, Fernando Haddad (PT), anunciaram, durante uma coletiva de imprensa, a revogação do aumento da passagem e seu congelamento no valor de R\$ 3,00. Com isso, na noite do dia 20 foi convocado um novo ato, para comemorar a conquista e seguir buscando a garantia de outros direitos civis - educação, saúde, ações legais contra a corrupção política.

Foram realizados atos nos dias 21 e 23. Dia 24, a então presidenta da República, Dilma Rousseff, se reúne com uma cúpula de 27 governadores e 26 prefeitos para discutir o momento político pelo qual o país passava. Desta reunião, foram esboçadas cinco medidas, pactos, seguindo o que vinha sido pedido nas ruas.

Depois, falou (a Presidenta Dilma Rousseff) em rede nacional e propôs cinco pactos: 1 - Pacto pela Responsabilidade Fiscal, controle de gastos para garantir a estabilidade da economia e conter a inflação; 2 - Pacto pela Reforma Política, com a realização de um plebiscito para convocar constituinte exclusiva para reforma política, envio de um projeto de lei para transformar a corrupção dolosa em crime hediondo e ampliação da lei de acesso à informação pública, 3 - Pacto pela Saúde, estímulo para médicos trabalharem no interior, contratação de médicos estrangeiros para atender onde não há médicos brasileiros, pelo SUS, e aceleração dos investimentos em Unidades de Pronto Atendimento em unidades básicas de saúde; 4 - Pacto pelo Transporte Público, com 50 bilhões de investimento em mobilidade urbana, e ação do Conselho Nacional de transporte público e a ampliação da desoneração do PIS/Cofins sobre o óleo diesel de ônibus e energia de metrô e trens; 5 - Pacto pela Educação, com destinação de 100% dos royalties do petróleo do pré-sal para Educação (HAUBRICH, 2018, p.97).

Mesmo com o anúncio dos pactos, os protestos não pararam e o governo federal continuou a sofrer represálias durante a Copa do Mundo, em 2014.

2.3 As três importantes quebras de narrativa: a rua em disputa

A partir dos relatos anteriores, gostaríamos de destacar três redefinições de narrativa; três momentos nos quais a mídia dominante mudou seu discurso em virtude dos acontecimentos ou os redirecionou. Como falamos nos dois primeiros capítulos, as representações de eventos sociais são construídas por meio da narrativa, do discurso, sendo esse também vital e definitivo para as Jornadas de 2013.

2.3.1 A noite do dia 13

Até o dia 13 de junho, a mídia estava se opondo fortemente aos atos. Os editoriais da Folha de S. Paulo e do Estado de S. Paulo deixam isso claro, como veremos em nosso capítulo de análise, ao reivindicar a Paulista “de volta para si” e dizer que era hora de dar um basta aos protestos, evidenciando não a violência policial relatada pelos manifestantes, mas sim, o início de “badernas” e ataques à Policial Militar - armada - com paus e pedras. Seriam os protestantes os verdadeiros indivíduos violentos.

A PM agiu com moderação, ao contrário do que disseram os manifestantes, que a acusaram de truculência para justificar os seus atos de vandalismo. Num episódio em que isso ficou bem claro, um PM que se afastou dos companheiros, nas proximidades da Praça da Sé, quase foi linchado por manifestantes que tentava conter. Chegou a sacar a arma para se defender, mas felizmente não atirou. Em suma, foi mais um dia de cão, pior do que os outros, no qual a violência dos manifestantes assustou e prejudicou diretamente centenas de milhares de paulistanos que trabalham na Paulista e no centro e deixou apreensivos milhões de outros que assistiram pela televisão às cenas de depredação.⁶ (O Estado de S. Paulo, 2013).

Mas a agressão contra a repórter da TV Folha Giuliana Vallone gerou uma mudança de discurso. Ao subir a Rua Augusta, a repórter e alguns de seus colegas viram-se frente a frente com um grupo de choque, e ela conta que viu quando um policial mirou nela. Porém, como isso já havia acontecido muitas vezes naquela noite, Vallone acreditou que não seria alvejada:

⁶ Aqui, o editorial completo: <https://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,chevou-a-hora-do-basta-imp-1041814>

Quando a gente tava subindo a (Rua) Augusta, a gente deu de cara com o (a tropa de) choque. E eu fiquei parada, eu tava com o crachá da Folha pendurado no pescoço, sem o celular, porque meu celular já tinha acabado a bateria e sem falar uma palavra pra qualquer um deles. Foi quando um desses policiais do choque veio um pouco mais pra frente (...) e ele apontou a arma pra mim, aquilo tinha acontecido algumas vezes naquele dia, então eu não imaginei que ele fosse atirar em mim, mas ele disparou. (...) Você não imagina que um cara fardado, com uma arma vai atirar na sua cara (VALLONE, 2014).

Depois dessa noite de quinta-feira, é notável o novo discurso e abordagem dos veículos dominantes: passam a validar e apoiar os protestos, ao mesmo tempo em que tentam solidificar suas próprias pautas, num jogo de retroalimentação entre público e veículo. Entre essas novas pautas propostas pela grande mídia, foram reproduzidas, com especial afinco, as propostas de combate à corrupção política.

É possível enxergar, de qualquer forma, uma dupla virada no discurso midiático: a) a intenção de criminalizar as manifestações para saudá-las, focando a violência policial e separando manifestantes “de bem” de uma “minoridade de vândalos”; b) Defendem que, com a pauta transporte, outros temas ganha imediatamente protagonismo nas manifestações, em especial a corrupção (HAUBRICH, 2018, p.86).

Impossibilitadas de negar ou ignorar os atos e as demandas da população nas ruas e nas redes sociais digitais, os grandes veículos de informação incorporam as pautas aos objetivos do poder vigente e tentam adaptar os acontecimentos para seu ganho. E agora, com as mídias dominantes e as redes sociais, como veremos a seguir, apoiando os movimentos, as ruas foram tomadas, criando o ato com 1 milhão de pessoas que tomou a Avenida Paulista na noite do dia 17 de junho, segundo os jornais da época.

2.3.2 A celebração da noite de 20 de junho

Com a crescente pressão popular, adesão da mídia e atos incessantes, o poder do estado de São Paulo anunciou no dia 19 de junho que o preço da passagem se manteria em R\$ 3,00. Com isso, seria de se esperar que os atos acabassem, porém, o movimento da noite do dia 20, que poderia ser visto como uma comemoração, já que os movimentos pelo passe livre haviam saído vitoriosos, foi uma visão do que estava por vir: a adesão de novas pautas, induzidas fortemente

pela mídia, havia se solidificado, e o recuo do governo estadual havia dado força para a manifestação de outros desejos do povo. As Jornadas de Junho já haviam se tornado algo muito maior.

2.3.3 *Os cinco pactos de Dilma Rousseff*

A Presidenta Dilma Rousseff se reúne com 27 governadores e 26 prefeitos e formula os cinco pactos expostos aqui. Políticas que agilizariam e garantiriam o que a população vinha pedindo nas ruas durante a última semana: educação, saúde e planos contra a corrupção. Mas os protestos não pararam. E a mídia também não. A nova pauta estava clara: criticar as propostas do governo e ligar o combate à corrupção ao combate ao Partido dos Trabalhadores (PT), ao qual os dois últimos presidentes faziam parte (Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff).

Nesses três momentos, a mídia, por meio do discurso imposto aos acontecimentos sociais, alimenta sua agenda e redefine os caminhos dos protestos, capitalizando sentidos que inicialmente indicavam um potencial de transformação.

2.4 **A realidade nas redes: #VemPraRua**

Com a falta de apoio inicial das mídias tradicionais - rádio, televisão e jornais - os atos encontraram na internet e nas redes sociais seus maiores aliados. Ambos os atos iniciais de Porto Alegre e de São Paulo, por exemplo, foram criados e convocaram participantes por eventos do Facebook, e a hashtag “Vem Pra Rua” logo se tornou um dos slogans mais fortes dos atos, um grito de ordem.

Dois anos antes, durante o ápice da Primavera Árabe⁷, a internet já havia provado seu valor como importante meio de recrutamento, difusão e comunicação em países onde a mídia tradicional, geralmente monopolizada, não estava de acordo ou não apoiava as pautas do povo, rompendo as barreiras da censura e da restrição

⁷ Nome dado à onda de protestos, revoltas e revoluções populares contra governos do mundo árabe que eclodiu em 2011, com a deposição do governo ditatorial da Tunísia de Zine El-Abidine Ben Ali e logo se espalhou por outros países árabes e africanos.

de informação. E durante as Jornadas de Junho, não foi diferente. Os manifestantes e mídias alternativas usaram da praticidade e alcance das redes para disseminar informações úteis - desde como tratar agressões de spray de pimenta, até trocar informações sobre trajetos de atos e divulgar a truculência da polícia militar - a rede mostrava tudo aquilo que a grande mídia se negava a exibir.

Ambos os movimentos se encaixam, ao lado da Occupy Wall Street, nos Estados Unidos, e nos Indignados, na Espanha e também nos Movimentos de ocupação global, ações que vinham acontecendo durante os anos 2000. “Trata-se de uma nova forma de mobilização social, que carrega em sua gênese a organização em rede” (OLIVEIRA, 2016, p. 55), que se articula no meio digital para assim se mover para as ruas, têm características locais e globais e uma falta de liderança, justificada pela desconfiança dos líderes políticos vigentes, além de serem movimentos que questionam e tensionam, econômica e culturalmente, a ordem neoliberal, se distinguindo dos movimentos sociais que vieram antes. A partir dessa nova forma de organização, o jornalismo se encontra com uma certa dificuldade de contextualizar os eventos. “Não havendo ainda legi-signos suficientemente cristalizados pelo neoliberalismo como ambiente semiótico, a disputa ideológica fica entreaberta” (OLIVEIRA, 2016, p. 58), enquanto que as redes sociais, devemos “(...) aproveitá-las também como espaço de significação desses acontecimentos, conferindo a eles outros sentidos, para além daqueles dados pelo jornalismo a partir de códigos historicamente convencionados” (OLIVEIRA, 2016, p. 60).

Todavia, consideramos importante expor um lado sombrio das redes que vêm surgindo nos últimos anos, e trouxe consequências gritantes para a última eleição: a internet e sua possibilidade de difusão de pautas, informações e reportagens deixam pouco espaço para a checagem de fatos, o que pode levar ao compartilhamento de informações falsas, que ora podem ser ingênuas, como uma fofoca acerca de uma celebridade, ou graves e maliciosas, como espalhar mentiras sobre um candidato à presidência.

E isso aconteceu, com o escândalo do suposto Caixa 2 envolvendo o agora futuro presidente Jair Bolsonaro, que tinha um arsenal de farsas sobre seu concorrente, Fernando Haddad. Como nos disse Keen em seu livro “*O culto do amador*” (2009), o ciberespaço cria uma onda perigosa, na qual as verdades não necessariamente precisam ser provadas verdadeiras para serem aceitas e difundidas.

Além disso, também deve ser combatida a falsa sensação de horizontalidade e democracia que as redes sociais digitais criam, como um espaço livre e acessível para todos, o que entendemos da fala de Marisa Holmes, entrevistada por Oliveira “Estas plataformas não são horizontais. Elas têm hierarquias e são plataformas corporativas apoiadas pelo Estado. Interagir com elas é apenas tática (...) Precisamos de uma internet livre e aberta, com uma mídia social real” (2016, p. 66).

3 O PODER E O JORNALSIMO

Aqui iremos tratar de alguns pontos específicos sobre as relações de poder e o poder em si, para criar uma linha de pensamento comum que nos acompanhará durante os próximos capítulos. Este é um tema muito amplo, cuja discussão pode se abrir em muitas direções, porém, a seguir separamos alguns pontos de especial interesse para o tema aqui proposto.

O poder - essa ideia abstrata e um pouco difusa - se cria a partir de um emaranhado de relações, e ao mesmo tempo criando e mantendo uma estrutura social.

Se trata de um sistema de vida própria, formado por sujeitos e instituições, responsável pelas significações sociais.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente naquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como "arbitrário" (BOURDIEU, 2001, p.14).

Para caracterizá-lo, podemos dizer que seria algo mais simbólico do que bélico, como a palavra "poder" em si pode sugerir, que age através das redes, das relações e dos corpos, num silêncio ardiloso; que age perante e nos corpos e nas relações e que, através da palavra, torna natural aquilo que é artificial.

3.1 O Poder nas relações e nos corpos

Para se fazer tão socialmente naturalizado, o poder já se faz presente sob as menores engrenagens do sistema, os corpos e sobre as relações dos corpos, é

onipresente, uma vez que está em todas relações sociais, das micro até as macro, desde nosso relacionamento com nossa família até as expedições imperialistas do século XVI. O relacionamento de um pai com seu filho, por exemplo, é atravessado pelo poder, uma vez que existem “normas” pré-existentes sobre o sistema familiar, estabelecendo respeito e obediência de alguns para outros. O mesmo se passa nas relações, agora um pouco mais abrangentes, entre homens e mulheres, na qual claramente há uma vontade, um desejo, de dominação (vontade que se dá concretizada em algumas das práticas do machismo, por exemplo). Nenhuma dessas relações nasceu tendo esse modelo, foram fruto de uma construção social e agora servem para manter e retroalimentar esse mesmo sistema que as criou. Por exemplo, a superioridade do sexo masculino foi fundamentada por crenças científicas, estudos de crânio “comprovaram” a superioridade masculina, numa clara apropriação da ciência para fins sociais. E isso marca as desigualdades seculares que cercam as relações humanas, uma vez que “quanto mais o homem é detentor de poder ou privilégio, tanto mais é marcado como indivíduo” (FOUCAULT, 1987, p. 217).

O mesmo modelo de dominação pode ser visto na escravidão e na colonização, apropriando-se de um discurso para validar uma ação.

Na mulher, a inferioridade óssea era determinada pelo seu sexo: o crânio menor e a bacia pélvica maior e mais alargada do que a do homem. Isso provava que ela era intelectualmente inferior e destinada anatomicamente à maternidade. A mulher assemelhava-se, do ponto de vista do crânio, aos negros, às crianças e aos delinquentes. Subitamente, todos passaram a ver na biologia aquilo que até então não viam. Criaram-se a diferença dos sexos e "o sexo". O sexo veio estabelecer as desigualdades morais e políticas entre homens e mulheres, assim como os ossos vieram estabelecer as desigualdades entre burgueses brancos e homens e povos colonizados e classes excluídas do poder (FREIRE COSTA, 1995, p. 6).

Então, ao mesmo tempo que é interseccional - assim como a opressão dos marginalizados vem a ser (DAVIS, 2016) - e “está em toda parte, não porque englobe tudo e sim provém de todos lugares” (FOUCAULT, 1987, p. 85), o poder vai criando seus centros, dependendo do período histórico no qual se encontra. Na sociedade ocidental moderna, por exemplo, podemos dizer que os centros de poder giram em torno de uma visão capitalista, branca, masculina e heterossexual, sendo o sujeito que comporta toda essas categorias, o mais propenso a ditar as regras, sendo este corpo um produto das relações dos poderes (FOUCAULT, 1987). Qualquer corpo que fuja desse padrão será oprimido e destituído do poder formal, marginalizando-se.

Assim também trabalham as instituições que carregam o poder, como a escola, a igreja, o governo e, como abordaremos mais adiante, as empresas de comunicação.

3.2 O Poder, a manutenção e a história única

A base da dominação se torna então sua venda como única verdade, tornando aquilo uma obviedade, um fato, uma significação comum. É importante ressaltar que, quanto mais disfarçado de natural, mais efetivo será o poder e mais vistas como, também, naturais serão suas consequências e desdobramentos. “Mas como isso é possível?”, viver em um mundo onde a verdade fica escondida, uma espécie de Matrix⁸ (1999); o motivo é relativamente simples: o discurso que constrói essa realidade é muito bem polido, muito bem feito, muito bem solidificado através de séculos e instituições. A palavra molda o social, até ele estar lapidado o suficiente para ser visto como natural.

O significado surge, não das coisas em si - "a realidade"- mas a partir dos jogos da linguagem e dos sistemas de classificação nos quais as coisas são inseridas. O que consideramos fatos naturais são, portanto, também fenômenos discursivos (HALL, 1997, p.24).

E assim, por meio do discurso e da construção de uma narrativa, os centros de poder se consolidam, ditando regras sociais e dando forma aos eventos históricos da época, consolidando os significados do mundo. Nascemos em uma realidade pronta, onde nossos corpos já têm signos próprios e ocupamos um lugar culturalmente pré-estabelecido.

Resumindo, nascemos num mundo já organizado, herdamos uma série de valores constituídos pelos costumes, termo abarcando aqui tanto aqueles de tradição quanto aqueles institucionalizados como as normas jurídicas. Por mais sábios e equilibrados que nos façamos, não escapamos às determinações desses valores (GOMES, 2003, p.35).

E aqui está um dos maiores perigos que o discurso do poder guarda, e um dos pontos centrais desse trabalho: o perigo de ter um único relato, um único ponto de vista, como formador de uma verdade vista como natural. Em seu TED Talk - que mais tarde

⁸ Filme de 1999, dirigido por Lana e Lily Wachowski. Conta a história de Thomas, um possível messias que enfrentaria a Matrix, sistema de inteligência artificial que manipula mentalmente toda população e cria uma realidade ilusória.

viria a ser um livro - “*O perigo da história única*”⁹ (2009) a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie diz que o relato único e o poder estão intimamente ligados.

É impossível falar sobre um relato único sem falar sobre poder. Existe uma palavra, uma palavra em igbo, que sempre me vem à cabeça quando penso nas estruturas de poder do mundo: nkali. É um nome que poderia ser traduzido como “ser maior que outro”. Igual ao mundo político e econômico, as histórias também se definem pelo princípio de nkali: a maneira como se contam, quem as conta, quando as conta, quantas se contam... tudo isso, em realidade, depende do poder (ADICHIE, 2018, p.18).

Então, a partir da centralidade do poder - como vimos anteriormente, o poder é um grande sistema, mas tem seus centros e seus representantes - se dá uma centralidade de relatos, um ponto de vista que é validado, visto como verdadeiro. E é aqui que se faz mais dano, uma vez que, essa visão da realidade nem sempre é justa, correta, ou até leal aos fatos.

Analisemos a colonização do continente africano, por exemplo. Um país invadiu outro, roubou suas riquezas, sequestrou seu povo e o vendeu do outro lado do mundo, para trabalhar como escravo. Um relato horrível, certo? Mas não foi desse modo que a escravidão foi vista inicialmente. Durante muito tempo, essas ações grotescas e cruéis, foram vistas como naturais, a dominação de um povo incapaz de se auto governar, tudo validado por uma narrativa científica, tal qual vimos na relação dos sexos. O poder forma o discurso e o discurso legitima o poder. E é exatamente aqui que o jornalismo, como sistema perito (GIDDENS,1991) e sistema de significados, se relaciona com o poder, pois as mídias “comprovam, permanentemente, sua força como entidades complementares ao poder” (WEBER, 2000, p. 16), ao deter parte da possibilidade de construir e reafirmar a realidade social, perpetuando ou desconstruindo a ordem vigente através da difusão de seus discursos e narrativas.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>

3.3 O Poder, o Jornalismo e as notícias

Como vimos no capítulo anterior, a sociedade é construída a partir da intersecção de vários poderes. Agora veremos como, pelo uso de muitos artifícios, a consolidação deste poder e desta sociedade é realizada. Se considerarmos que nosso objetivo é analisar as notícias presentes nas capas como uma forma de manutenção de poder, devemos ter especial atenção ao uso do discurso jornalístico para fins de ratificação social. O discurso atua no ambiente do poder simbólico, criando sentidos, significados, para o mundo ao nosso redor. O discurso, a narrativa construída pela e para realidade, legitima todo o social.

E é exatamente aqui, no poder simbólico, nessa necessidade de legitimação pela narrativa, que o jornalismo entra, tendo em vista que “a comunicação é ainda o processo central por meio do qual as pessoas conseguem conhecimento subjetivo da realidade objetiva” (DEFLUER; BALL-ROKEACH, 1993), sendo, então, o jornalismo a instituição que subjetiva a realidade, processo que será melhor analisado e compreendido ao longo deste capítulo, especialmente ao falarmos do trabalho simbólico da notícia.

No plano simbólico se pode perceber a imbricação dos meios de comunicação na cultura, na formação de sujeitos e nas relações de poder - em todos os níveis. Afinal, as próprias questões econômicas, ideológicas, o consumo e o poder dependem fundamentalmente da geração de significados para se legitimar socialmente. E no complexo fenômeno de interação entre valores sociais e culturais, as instâncias de poder e a sociedade em geral, a mídia está no centro, participando ativamente e se

retroalimentando do que é produzido nessas esferas e (re)produzindo uma instância igualmente de poder (SILVA, 2014, p. 47).

Vemos então o jornalismo como um sistema de produção de sentido, de significados sociais e culturais, tendo um espaço de especial importância para a manutenção da ordem e do discurso do poder, se caracterizando como um campo de intensa disputa de narrativas - como veremos com afinco no quarto capítulo deste trabalho - graças à sua capacidade de ratificar e significar a realidade, já que essas relações de poder não se podem dissociar, se estabelecer ou funcionar sem a produção, a acumulação e circulação de significados que o discurso produz (FOUCAULT, 1987).

3.3.1 Jornalismo como sistema de produção de significados

Assim, podemos perceber um ambiente semiótico, de produção de significados, do qual faz parte o jornalismo. Sistema esse que dá sentidos sociais aos acontecimentos cotidianos, criando uma realidade compartilhada. O homem nunca percebeu a realidade de maneira direta, ele “sempre precisou de alguma forma de mediação” (MOTTA, 2002), pois as coisas de ordem social não são naturais, devem ser, pois assim, apreendidas e assimiladas. Em primeira instância, o papel de educador, como vemos em quase todas espécies e com sensível frequência nos mamíferos, recai sobre os pais; que ao ensinar a língua para os filhos (uma criança detém todo conhecimento básico da mesma até os seus 3 anos) os ensinam também - seguindo a hipótese Sapir-Whorf¹⁰ (1930) - sobre o mundo ao seu redor. Num segundo momento, virá a praça, a escola, o grupo de amigos. Tudo isso irá construindo uma visão de mundo que será passada de geração em geração de maneira mediada, por diversas fontes de informação. E nessa relação de mediador o jornalismo tem, atualmente, um papel vital na construção social da realidade, sendo algo como o fogo que produz as sombras na metáfora do Mito da Caverna de Platão.

¹⁰ A hipótese Sapir-Whorf associa-se às ideias de Edward Sapir (1884–1939) e Benjamin Lee Whorf (1897–1941) acerca do condicionamento recíproco entre a percepção e a linguagem e, consequentemente, com efeitos na cultura.

A partir disso, podemos observar duas ordens que constroem essa realidade: fatos e representações. Por exemplo, a queda do avião venezuelano que transportava 77 pessoas, entre elas a equipe técnica do time catarinense Associação Chapecoense de Futebol, no dia 28 de novembro de 2016, é um fato concreto. Não há como refutar que um avião da companhia aérea venezuelana *LaMia* de modelo avro RJ85 caiu em terras colombianas, numa região chamada Cerro El Gordo, depois de sair de Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, rumo a Medellín (Colômbia), onde a equipe disputaria a final da Copa Sul-Americana. Isso é o que aconteceu a nível de realidade sólida, concreta, unilateral. Um acontecimento. Agora, a representação do mesmo, o significado deste acontecimento, que será compartilhado por um discurso, gira em torno das perdas humanas, do luto, da necessidade de reconstrução de um time tão pequeno que tinha ido tão longe, todos esses sentidos partindo da interpretação simbólica do que aconteceu concretamente. O discurso pretende subjetivar, levar para nível íntimo e compartilhado, significar com signos sociais o que acontece a nível objetivo da “realidade”. O jornalismo e a notícia têm esse trabalho cognitivo de construção de sentidos.

Charaudeau (2006) chama o movimento de construção do acontecimento de processo evenemencial, que exigiria o cumprimento de três etapas: que algo aconteça e modifique o “estado normal” das coisas no mundo; que um sujeito dotado de sensibilidade perceba tal mudança; que este mesmo sujeito confira significação a esta mudança. O fenômeno precisa ser inscrito em um regime discursivo para que passe a ter existência como acontecimento (BENETTI, 2010, p. 148).

Com isso, podemos começar a analisar a partir de quais modos a imprensa produz estes sentidos, a intersecção de quais poderes interferem na produção do jornalista e qual verdade social estes constroem.

Seria muito simplista afirmar, e iria contra tudo que defendemos até agora, que o discurso é porque é. Ele, como uma forma de conhecimento acerca do mundo, é a soma e fundamentação do período social ao qual está inserido, se relacionando intimamente com as características da era na qual é produzido, o discurso é o apoio e a legitimação de todo um sistema de significados.

A intersubjetividade nos obriga a refutar a visão ingênua indique o discurso poderia conter uma verdade intrínseca ou uma literalidade. De fato, o dizer produz um *efeito de literalidade*, que é a impressão do “sentido-lá” (ORLANDI, 2001), impressão de algo que “natural, óbvia e evidentemente só poderia significar *isto*”, Como se sentido existisse de forma independente e

pudesse ser simplesmente acessado ou não. O efeito de literalidade cresce proporcionalmente ao apagamento de uma ideologia como ideologia - quanto mais naturalizada ideologia, mais informações discursivas que delas derivam carregam sentidos que parecem literais (BENETTI, 2010, p.108).

3.3.2 *As notícias*

Aqui iremos tratar de uma forma de jornalismo em particular: a notícia, que permeia o capítulo quatro e cuja construção e motivo evidenciam muito bem o discurso como ferramenta da ordem social vigente.

Em primeiro lugar, como ponto de partida comum, podemos definir que a notícia é a representação de um acontecimento, como a queda do avião do time de futebol Chapecoense. A falha e a consequente queda do avião são o acontecimento, e a “queda de avião que levava pequeno time do interior de Santa Catarina para campeonato internacional pela primeira vez” é a notícia, a representação do que aconteceu. Como define Adriano Duarte Rodrigues (1988) o acontecimento “é tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais”. A afirmação também vai ao encontro dos valores-notícia, muito bem trabalhados por Traquina (2005), que mostram que para algo virar notícia, há que ter um fator de “novidade”, de quebra de ordem: o jargão jornalístico, que diz que se um cachorro morder um homem, isso não se configura como notícia, porém, se um homem morder um cachorro, como fuga do diário, seria notícia. Há nesses valores-notícia, porém, um certo padrão, um fator de importância social: há coisas, lugares, circunstâncias que chamam mais atenção, que importam mais que outras.

O atentado terrorista na cidade de Mogadíscio, capital da Somália, em outubro de 2017, orquestrado pelo grupo militante islâmico al Shabaab, foi um dos piores ataques terroristas da história e o maior ataque terrorista já sofrido pelo país, somando cerca de 350 mortos e 230 feridos. Entretanto, se comparado com os atentados que aconteceram no mesmo ano - e com um número consideravelmente menor de mortos, como a bomba caseira que foi plantada numa sinaleira de pedestres em Nova Iorque, em novembro do mesmo ano - o acontecimento teve uma representação e um número de notícias, assim como durabilidade de interesse do público, muito baixos; característica que segue todos os outros atentados terroristas que se sucederam na África e do Oriente Médio no mesmo ano. Todos

eles tiveram um número altíssimo de mortos, seguido por pouca atenção da mídia internacional¹¹, evidenciando que o interesse jornalístico tem sim um fator social.

A perversidade dessa lógica, que contra qualquer argumento plausível mantém-se como estruturante do discurso jornalístico, é que grandes fenômenos sociais, cujo interesse público não poderia ser questionado sem constrangimento, geralmente não têm lugar no jornalismo porque se estabeleceram, historicamente, como invariantes. São os casos da fome, das desigualdades e das injustiças sociais, que contemporaneamente costumam ser percebidas como “parte do sistema”. Dito de forma crua, são fatos cinicamente percebidos como ordinários ou comuns e que, por isso, não alcançam os requisitos que lhes permitiriam ocupar o estatuto de acontecimento jornalístico. (BENETTI, 2010, p. 146).

Ao avaliarmos os valores-notícia, podemos perceber que isso se deve à proximidade - neste caso cultural - dos eventos: nossa cultura está muito mais próxima da dos Estados Unidos do que dos países do continente africano, por exemplo, e isso influencia diretamente no nível de importância que damos para esses acontecimentos, indiretamente reforçando os padrões eurocentristas que nos definem como nações e indivíduos e evitando que as “posições de poder” (BENETTI, 2010, p. 147). Aquilo que consideramos digno de ser noticiado é constantemente retroalimentado pela própria notícia, “é um movimento circular que começa nos interesses da fala *institucionalizada* do poder e retoma esses mesmos interesses” (BENETTI, 2010, p. 147), sempre mediada pelo discurso.

Pensando nesta intrínseca relação jornalismo-formação de valores, certamente é a notícia o elo capaz de relevar essa imbricação. Ao conceber a notícia como uma construção social, identifica-se um conjunto de elementos fundamentais para que um “fato” adquira o status de notícia. (...) A definição de noticiabilidade indica claramente a existência de um processo de escolha, o qual demonstra que “a necessidade de selecionar, excluir, acentuar diferentes aspectos do acontecimento - processo orientado pelo enquadramento escolhido - são alguns exemplos de como a notícia, dando vida ao acontecimento, constrói o acontecimento e constrói a realidade (Carey *apud* Traquina, 2001, p.87) (SILVA, 2014, p.61).

3.3.3: *Da desordem à ordem: o trabalho simbólico da notícia*

Então, como vimos, o acontecimento é algo novo, que quebra a linearidade histórica, trazendo novos sentidos para a estrutura social e, com isso, a notícia seria o caminho para a compreensão, para a subjetivação, para o entendimento comum do acontecimento.

¹¹ Fonte: <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/os-atentados-terroristas-mais-mortiferos-de-2017-237166>

Fazer jornalístico seria uma espécie de luta sem fim contra a entropia tomada como uma ameaça latente de desestruturação, de degeneração da ordem em desordem. A informação atuaria como um relato de nomeação e de legitimação, reorganizando o mundo em torno a uma verdadeira cosmovisão (visão de mundo) (MOTTA, 2002, p. 3).

Com isso, o trabalho simbólico da notícia seria esse caminho de volta para a ordem social. Somos apresentados a um acontecimento que, de acordo com o que consideramos normal como sociedade - “normalidade” essa formada a partir das intersecções de poder e interesses - foge dos costumes. A notícia nos traz uma representação, uma narrativa, desse mesmo acontecimento, agora o colocando em termos de senso comum, o traduzindo, o trazendo para nossa realidade, domando o selvagem para assim poder assimilá-lo (MOTTA, 2002). Dessa forma, a notícia faz uso de signos já conhecidos por nós para introduzir novas significações. Por exemplo, quando falamos sobre latrocínios, mexemos com dois conceitos que são considerados “errados”: o ato de roubar alguém (que entra em embate com a noção neoliberal vigente de propriedade privada) e o ato de tirar a vida de alguém (assassinato, que é punível por lei e socialmente visto como uma transgressão); e que nos causam desordem. Para trazê-los de volta ao sistema simbólico conhecido, é necessário explicar os motivos, as causas, como se passou, sempre comparado ao que seria a ordem. Vemos o mesmo trajeto quando analisamos notícias sobre pessoas que escapam ao padrão: gays, lésbicas, transexuais. Há uma constante comparação com o senso comum do homem branco, heterossexual e cisgênero, indivíduo que foi configurado como o ápice do poder e da normalidade social. Não há como explicar o divergente se não houver um consenso sobre o que seria normal.

Acompanhando as rotinas jornalísticas na pesquisa de campo, percebi que os valores das notícias estavam muito relacionados às visões de mundo de meus interlocutores, e que estes valores em muito correspondiam às convenções hegemônicas de gênero e heteronormatividade (SILVA, 2014 p. 267).

Podemos ver, então, o enorme papel da notícia no campo simbólico social. Além de organizar e traduzir os acontecimentos, também alimenta um certo “senso comum do que seria a normalidade” por elegir, trabalhar e publicar essas informações e catalogar o maniqueísmo social de certo e errado. São esses uma construção social, pois, ao caracterizar aquilo que é notícia, a representação do acontecimento, como algo que entra à desordem, a ordem é, indiretamente, mas de maneira explícita, alimentada e reforçada.

Entendermos que os relatos noticiosos por um lado são razão (logos), transmitem fatos históricos; mas por outro, são mythos, encerram subjetividades que dotam os acontecimentos de sentido de passado e de futuro, do bem e do mal, do bonito e do feio, do que pode e do que não pode, sugerem difusas ideologias, estimulam desejos e utopias (MOTTA, 2006, p. 23).

Então, com o significado, e não com seus fatos, sendo o aspecto mais importante da notícia, a mesma se encaixaria na definição de mito por Barthes (1982). “As notícias, como os mitos, não contam as coisas como elas são, mas contam as coisas segundo o seu significado” (Bird, Dardanne, 1999 *apud* Barthes, 1982), sendo um terreno simbólico, mais do que concreto.

3.3.4: A notícia como construção social e sintoma da ordem vigente

Se pensarmos na notícia como uma reafirmação da vigência social, podemos também analisar que sua construção é uma soma daquilo que já está e que deve ser aprendido.

Em primeiro lugar, vale iluminar o macrossistema no qual estamos inseridos, esclarecendo que a visão capitalista neoliberal se manifesta nas notícias, como observa Felipe de Oliveira, ao relatar em sua tese a semana que passou observando as redações da Zero Hora e do Correio do povo durante sua dissertação, constata que:

Na opinião do repórter, o benefício da meia-entrada teria de ser custeado por alguém - nesse caso, os demais espectadores dos espetáculos nos quais a medida fosse aplicada ou mesmo o poder público. Uma opinião que não abarca a possibilidade de um suposto prejuízo a algum desses setores ante a política pública de garantia de acesso à cultura. A preservação da ordem do mercado parece estar explícita na semiose da notícia (OLIVEIRA, 2012, p.144).

Vemos, assim, presente na construção da notícia a validação do sistema neoliberal, que é defendido e propagado através das escolhas narrativas.

Independência e imparcialidade significam, no fundo, ter como pressuposto que o capitalismo desenvolvido norte-americano e sua hegemonia imperialista é um tipo de sociedade "normal", e deve ser preservada contra todas as "patologias" políticas, sociais e econômicas. A *exatidão* quer dizer quase sempre, a submissão do jornalista às fontes oficiais, oficiosas ou institucionais. A *honradez* não é outra coisa senão uma boa reputação entre as instituições da "sociedade civil", no sentido atribuído por Gramsci a essa expressão, isto é, entre aquelas entidades que reproduzem a hegemonia

burguesa. A *responsabilidade* é o respeito às leis e preceitos gerais da ordem estabelecida. A *decência* significa, como diz o próprio autor, "la censura del buen gusto" , ou seja, o reconhecimento da hipocrisia que fundamenta a moral burguesa como um valor digno de ser reverenciado e acatado (GENRO FILHO, 1987, p. 43).

Esses valores são defendidos, às vezes, nem de maneira tão intencional, mas já introduzidos no fazer e no pensar da sociedade. O mesmo se passa com os repórteres e suas empresas, agora num nível micro de análise; aqueles que produzem as notícias, escolhendo que fontes ouvir e o que incluir, trabalhando a partir dos valores-notícia que, como já vimos, carregam uma certa carga de ordem e pré-conceitos acerca do que importa e do que é digno de ser noticiado; e formando sua comunidade interpretativa (ZELIZER, 2000).

E a princípio, não haveria nada de errado nisso: um grupo de pessoas que trabalha com o mesmo objeto, seguindo suas regras de produção, tendo seus hábitos, seus modos. Até aqui tudo bem. O problema é que, ao ser um agente que contribui para a criação e o reforço de significados, o jornalismo e seus produtos, entre eles as notícias, têm uma responsabilidade e um poder imensos de validar novos ou velhos modos de pensar e agir, e assim, independentemente se o que falam é “bom” ou “ruim”, aquilo terá consequências reais.

Mas o que poderia haver de errado à ação da comunidade interpretativa como legi-signo? A resposta se sustentaria só com um argumento: uma única visão de mundo que se perpetua como base à semiose da notícia. Notícia que representará um acontecimento, o campo problemático que ele revela, mais ou menos, como objeto semiótico (OLIVEIRA, 2012, p.148).

Assim são alimentados também estereótipos acerca de certos grupos sociais. Confirmam-se preconceitos e são reforçados pontos de vista. Uma vez que pontos de vista são o que se vê a partir do ponto que se está, se formam relatos incompletos sobre as representações dos acontecimentos. “O relato único cria estereótipos, e o problema com estereótipos não é que sejam falsos, senão incompletos. Convertem um relato no único relato” (ADICHIE, 2018). Assim tornam-se mecanismos do poder naturalizados, disciplinando o que vemos e como vemos.

E que fique registrado aqui que nosso objetivo não é taxar os jornalistas como indivíduos perversos, que escolhem agir dessa forma. Longe disso. Como seres sociais, inseridos numa comunidade que age assim, seria difícil atuar de outra forma. A desconstrução do que foi aprendido e subjetivado é lenta e gradual e, acima de tudo, um processo de despertar para aquilo que nos prende e nos define, sorradeira,

porém, constantemente. Caso não o façamos, seremos apenas vítimas da nossa época, acorrentados a olhar sombras nas paredes, passivos, dormentes.

Todo conhecimento social, e o jornalismo é um conhecimento social, envolve determinado ponto de vista sobre a História, sobre a sociedade e sobre a humanidade. E como humanidade e História são processos que estão em construção, naturalmente não existe um jornalismo que seja absolutamente neutro. Isto não acontece por motivos de ordem psicológica, como dizem os manuais. Não é porque o indivíduo está psicologicamente envolvido com o fato, mas porque toda forma de conhecimento pressupõe também um posicionamento do sujeito diante do objeto. Essa é a razão mais profunda porque o próprio jornalismo implica uma visão ideológica, implica um posicionamento ético e político sobre a realidade (MEDITSCH, 1992 *apud* VEIGA, 2014, p.58).

Entretanto, ao considerarmos as notícias como fonte da construção social da realidade que vão ao encontro à lógica predominante, se ratificando como uma narrativa da mesma realidade construída, não pretendemos deslegitimar as mesmas, indagando seu poder de representar a existência; muito pelo contrário: ao reconhecer sua temporalidade social, sua relação com o corpo social, passamos a compreendê-las em sua totalidade, percebendo que há, ainda mais, para aprender em seus detalhes. As notícias são só repassam ao público o tempo, os preços, detalhes sobre economia e política, elas, assim como nossa família, nossas escolas e nosso grupo de amigos, nos ensinam os pormenores sociais, sendo um poderoso sistema de transmissão de signos, no qual seu significado vale muito mais do que suas minúcias informativas (BERGER; LUCKMANN; 1966).

E poder-se-ia argumentar que a totalidade das notícias como sistema simbólico duradouro ensina os públicos muito mais do que qualquer das suas partes componentes, mesmo se essas partes tivessem como finalidade informar, irritar ou entreter (BIRD, DARDANNE, 1999, p. 265).

3.4 O jornalismo como o guardião dos poderes

Em 1828, o deputado do Parlamento Inglês Thomas Macaulay, tendo em vista a divisão dos três poderes segundo a Revolução Francesa, se refere à imprensa como o “Quarto Poder” - aquele que seria capaz e deveria vigiar todos os outros, o guardião da opinião pública e vigilante dos poderes. Nos primórdios dos regimes democráticos, a mesma função jornalística se reforçou e acabou por se tornar uma importante forma de marketing para a profissão, se definindo que a verdade seria a primeira obrigação do jornalismo. Isso resultou em uma sensação de segurança para

os leitores, que acreditam que estão lendo fatos irrefutáveis e seguros, conhecendo o mundo. Essa manobra assegura a manutenção da credibilidade da imprensa, seu bem mais precioso (BERGER, 1996). Porém, agora que já sabemos que nosso sistema simbólico é resultado de uma construção constante, é evidente que, ao falar sobre verdade, sobre alcançar e transmitir uma verdade, não estamos falando da verdade absoluta¹²; estamos, novamente, falando de uma representação da verdade, uma verdade social, funcional. E é exatamente essa verdade funcional, atrelada ao contexto social, que mantém a credibilidade jornalística, este vínculo entre o que é dito como sendo verdadeiro e o que de fato existe independente do observador (LISBOA, 2012), alimentado pela narrativa que conecta ambos lados, como veremos com mais detalhes em nosso capítulo de análise.

No caso do jornalismo, as escolhas discursivas, como o recurso a fontes especializadas, a fotografia, os detalhamentos dos eventos etc., fazem parte de um conjunto de técnicas criadas para transformar o texto jornalístico em um relato crível de fatos da realidade (BENETTI; LISBOA, 2015, p.14).

Tudo isso legitima a credibilidade do que é representado, por quem é representado, e reforça o jornalismo como sistema perito de significações (GIDDENS, 1991), o tornando uma referência segura de informações acerca do mundo, retroalimentando a ordem dominante.

3.4.1 A verdade é deste mundo

Não seria a conexão com o contexto social que faria da verdade uma mentira, isso somente a torna mais verdadeira. Porém, existem verdades válidas para um tempo e lugar, um sintoma da época em que foi fabricada.

Não podemos esquecer que, há menos de 50 anos atrás, o *apartheid* e a segregação racial eram verdades blindadas de contestação. Que houve épocas em que era considerado verdade que a terra era plana, que mulheres subversivas eram bruxas. Até hoje a igreja católica acredita que uma adolescente virgem pariu o mártir divino que nos livrou de nossos pecados. A verdade é deste mundo, aqui ela é feita, aqui ela serve. Serve enquanto serve a algo ou alguém, enquanto tem relação com os signos que queremos passar e preservar. E isso não a torna mentira, mas também não a torna absolutamente verdadeira.

¹² A discussão acerca da “verdade absoluta” entra nos campos da filosofia, dogmatismo e moral, não sendo possível aplicá-la ao relativismo social.

Por isso, exatidão não basta. “Um jornalismo construído apenas com base na exatidão não nos leva onde queremos chegar” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2001). Não é o suficiente para escapar das verdades deste mundo, ser exato, ser objetivo. É necessário entregar-se, entender onde se formam e do que são feitas as verdades do nosso tempo, para assim ser capaz de tensionar a ordem que as produz.

4 O MÊS QUE AINDA NÃO TERMINOU

Neste capítulo analisaremos as capas do jornal Folha de S. Paulo dos dias 10 a 25 de junho de 2013, utilizando ferramentas metodológicas inspiradas na análise discursiva, a fim de averiguar a presença de mecanismos de manutenção da ordem social vigente, no contexto da discussão que envolveu jornalismo e poder. O tempo examinado cobrirá as principais manifestações e desenrolares das mesmas, seguindo a divisão de narrativa apresentada no terceiro capítulo deste trabalho.

No recorte inicial, entre os dias 10 e 13, não houve grandes menções sobre as manifestações nas capas; depois, do dia 14 ao dia 20, os atos foram, em algumas capas, o assunto principal, e o viés foi oscilando junto com a opinião pública, ora clamando, ora condenando os atos. O último período se dá entre os dias 21 a 25, quando novas pautas são inseridas, com destaque especial para o dia 24, quando a presidenta Dilma Rousseff expõe os 5 pactos que foram criados a partir do que os manifestantes vinham pedindo nesse terceiro período dos atos.

O primeiro movimento, no entanto, é no sentido de caracterizar o jornal que se presta a corpus para a materialização do debate, contextualizando sua fundação e sua linha editorial.

4.1 A Folha de S. Paulo

Consideramos interessante elucidar os motivos que nos levaram a escolher este jornal como objetivo empírico. Criado em oposição ao “O Estado de S. Paulo”, tem um histórico de inovação constante e de reflexo com os movimentos sociais com os quais a América Latina conversou nos últimos anos, enquanto se manteve como um dos principais meios de comunicação do Brasil.

A Folha foi fundada em fevereiro de 1921, com o objetivo de ser um jornal vespertino, para informar os trabalhadores que saíam cedo de suas casas. Liderado pelos jornalistas Olival Costa e Pedro Cunha, o jornal foi firmado com a criação do “Folha da Noite”, seguido pela criação da “Folha da Manhã”, edição diurna lançada em 1925 e, 24 anos depois, pela “Folha da Tarde”, até que em 1960 as três tiragens se fundem e nasce a “Folha de S. Paulo”.

Isso dois anos antes de Octavio Frias de Oliveira, jornalista e editor, e Carlos Caldeira Filho, empresário, assumirem o controle da empresa, até 1992, quando Frias passa a ter total controle das ações, no mesmo ano em que o veículo se consolida como o jornal com maior circulação paga aos domingos. Atualmente, é o jornal de maior circulação no país - posição que ocupa desde 1986 e cujo auge aconteceu em 1994, com a edição do Atlas Folha/The New York Times - com uma tiragem de mais de 300 mil exemplares no mês de maio deste ano.¹³

¹³ Informação do IVC - Instituto Verificador de Circulação



Folha da Noite, capa da edição de 19/02/21



Folha da Manhã, capa da edição de 2/9/39

4.1.2 Editoriais

Em 1976, ainda durante a Ditadura Militar brasileira, uma seção chamada "Tendências/Debates" é inaugurada, para defender a pluralidade e a redemocratização. O primeiro projeto editorial foi escrito em 1981, e ratificava o compromisso do jornal com a pluralidade de opiniões, apuração de informações corretas e interpretação competente dos fatos.

Em 1984, o primeiro Projeto Editorial é publicado, novamente deixando explícito o compromisso da Folha de S. Paulo com um jornalismo de excelência, crítico, plural, moderno e apartidário; mais tarde, no mesmo ano, será lançado o “Manual de Redação”, que virá a tornar-se um livro e uma espécie de Alcorão jornalístico, sendo citado ainda hoje por professores nas Escolas de Jornalismo.

Em 1991, foi o primeiro veículo de informação do país a pedir o impeachment do então presidente Collor de Mello. Em 1997, uma nova versão do projeto editorial é lançada, propondo uma “seleção criteriosa dos fatos a serem tratados jornalisticamente”, junto com uma abordagem imersiva, com um texto envolvente e interessante. Houve também a ratificação por um jornalismo plural e crítico.

Em 2001 é lançada a quarta edição do novo “Manual da Redação”, contendo ampliações e revisões das últimas versões. Um novo manual foi lançado em fevereiro de 2018, seguindo as mesmas premissas de pluralidade e com novos conteúdos gráficos.

Com isso, podemos ver que o jornal deixa claro seu compromisso com a democracia e a pluralidade - característica trabalhada em todos editoriais - porém, como veremos a seguir, essa missão de pluralidade não está presente nas capas, nas fontes e nas notícias, prejudicando o entendimento do leitor acerca da realidade, além do suposto compromisso do jornal para com a democracia.

A democracia guarda, nos seus fundamentos, o princípio de que o poder emana do povo e em seu nome é exercido. Disso resulta que, sem o livre fluxo de informações e opiniões, o regime democrático não funciona, a roda não gira. A delegação do poder e o exercício do poder delegado dependem do compartilhamento dos temas de interesse público entre os cidadãos. Quanto mais inclusiva, mais a democracia se empenha em expandir o universo dos que têm acesso à informação e garante transparência na gestão da coisa pública. Quanto mais vigorosa, mais ela faz circular as idéias. O resto é consequência lógica. Para melhor cumprir seu papel de levar informações ao cidadão, a imprensa precisa fiscalizar o poder – e o verbo fiscalizar carrega, aqui, o sentido de vigiar, de limitar o poder¹⁴ (BUCCI, 2007).

¹⁴ Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-missao-de-servir-ao-cidadao-e-vigiar-o-poder/>



Folha de S. Paulo, capa da edição de 26/01/1984



Folha de S. Paulo, capa da edição de 30/09/1992

4.2 As capas: na onda da opinião pública

Aqui é importante ressaltar que, como dizemos durante todo esse trabalho, o entendimento das notícias e a construção das mesmas passa por uma sensível camada de subjetividade. Com isso, nossa análise não pode pretender ser imparcial

e objetiva, já que durante as últimas 30 páginas afirmamos que tal postura diante da construção social da realidade não é possível.

4.2.1 A mídia versus o povo: 10 a 13 de junho

Seguindo o que vimos no capítulo três, o período do início dos protestos (03/06/2013) é marcado por uma mídia pouco assertiva e que, ora ignora e ora condena os protestos, trazendo uma parte muito pequena dos relatos, ignorando a pluralidade de fontes e pontos de vista de um mesmo acontecimento. Até o dia 13, as mídias sociais seguem como o maior centro de disseminação das manifestações, com eventos no facebook, hashtags e tutoriais para a proteção dos participantes, como o famoso tutorial caseiro em vídeo de como lidar com bombas de gás/spray de pimenta que foi altamente disseminado pelo Whatsapp, marcado no Youtube¹⁵ com as hashtags #VemPraRua e #MudaBrasil.

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iwJWx6DmMxk&t=59s>

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921 folha.com.br
 DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ANO 93 • SEGUNDA-FEIRA, 10 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.740 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 0H34 • R\$ 3,00

Ex-técnico da CIA revelou que governo Obama vigia cidadãos

Foi Edward Snowden, 29, ex-assistente técnico da CIA, quem divulgou documentos secretos que mostram que o governo dos EUA vigia os dados de cidadãos.
 O jornal britânico "The Guardian" revelou sua identidade, a pedido do técnico. "Não tenho nenhuma intenção de ocultar quem sou, porque sei que não fiz nada de errado", disse. **Mundo A9**

Haddad apoia atuação da PM em protestos contra tarifa

O prefeito Fernando Haddad (PT) disse em entrevista à **Folha** que está disposto a dialogar com os manifestantes contrários ao aumento da tarifa de ônibus desde que mudem de estratégia e "renunciem à violência". Para ele, a PM, que reprimiu o ato com bombas de gás e balas de borracha, agiu para liberar as ruas. **Colunas C1**
 Aprovação de Haddad é recorde em início de mandato, mas oposição cai a 20%, diz Datafolha. **Colunas C4**

Promotor incita violência contra manifestantes e depois se desculpa

Colunas C3

VENICUS MOTA "Ficha suja" para motorista reforça onda moralista

Após aprovar a "ficha suja" para motoristas acusados de dirigir bêbados, os nomes de São Paulo contribuíram para a onda de retrocesso moralista por que passa o legislativo no país. **Opinião A2**

Pela marca Seara, JBS assume até R\$ 6 bi em dívida

A empresa JBS vai pagar entre R\$ 3,5 bilhões e R\$ 6 bilhões pelas operações de frango e suínos da Marfrig no Brasil, incluindo a marca Seara e 30 fábricas. A operação vai ajudar a reduzir a dívida da Marfrig, que hoje é de R\$ 13 bilhões. **Mercado B9**

RODÍZIO **Colunas C2** Não devem circular carros com placas cujo final seja: 1.2

TALE COM A FOLHA Veja como entrar em contato com o serviço de atendimento ao leitor e suas contribuições. **Colunas C4**

ATMOSFERA **Colunas C2** Sei e tempo não no capital ganham. **Motiva B4C • Máxima J4C**

320.403 exemplares impressos e digitais



Oscar comemora com Neymar o primeiro gol no amistoso contra a França, em Porto Alegre

FOLHA NA COPA FIM DO JEJUM Brasil derrota França por 3 a 0 e supera um campeão mundial após mais de 3 anos

ESPORTE Nadal obtém 8º título e amplia hegemonia em Roland Garros

Tenista celebra conquista



OUTRO CANAL Ibope planeja ampliar medição de audiência da TV

DANIEL PELLIZZARI Ao ver 'Jogos de Guerra' no cinema, decidi que tinha de ter um PC

Alckmin venceria até Lula na corrida ao governo de SP

Datafolha mostra que petista, porém, é hoje o único que levaria eleição ao 2º turno

O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), superaria hoje todos os possíveis adversários na corrida ao Palácio dos Bandeirantes, mostra pesquisa do Datafolha concluída na sexta. A um ano e quatro meses do pleito em que tentará a reeleição, o tucano tem de 42% a 52% das intenções de voto nos cenários analisados.

Embora não manifeste intenção de se candidatar, apenas o ex-presidente Lula (PT) levaria a disputa para o segundo turno. Nesse cenário, Alckmin ainda venceria por 42% a 26%.

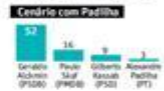
Atida bastante desconhecido, o candidato favorito do PT hoje, o ministro Alexandre Padilha, tem só 3% das intenções de voto.

Em segundo na pesquisa está Paulo Skaf (PMDB), com de 13% a 16%, dependendo do cenário. Ele tem surgido na TV em propagandas da federação das indústrias.

O Datafolha mostra que, apesar da crise na segurança, a popularidade de Alckmin foi de 48% a 52%. No fim do segundo mandato, em 2006, ele tinha 66%. **Poder A6**

DISPUTA PELO GOVERNO DE SP

Intenções de voto em % (baseada em amostra de 1.000)



Cenário com Lula



ANÁLISE VERA MAGALHÃES

Violência pode explicar o pior desempenho do tucano na capital

Poder A6

Para governistas, menor aprovação de Dilma é normal

Integrantes do governo federal minimizam a queda na popularidade de Dilma Rousseff, que recuou de 65% para 57% em cerca de dois meses, e apontaram na retomada do fôlego da economia para recuperar o apoio perdido. Para o ministro Aloizio Mercadante (Educação), trata-se de "oscilação normal". **Poder A6**

EDITORIAIS **Opinião A2**

Leta "Tributos às claras", acerca de lei que exige discriminação de impostos, e "Outro Obama", sobre monitoramento secreto de comunicações nos EUA.



EM CASA Um dos sete cristãos soltos pela Bolívia é recebido no aeroporto de Guarulhos; os outros cinco devem ser libertados, mas morte de torcedor pode ficar sem solução **Esports D9**

Capa do dia 10/06/2013

Mesmo após uma semana desde seu início e após três manifestações - a capa do dia tem apenas duas pequenas referências ao que se passava na concretude das ruas de São Paulo: A segunda notícia do canto esquerdo, afirmando que o então prefeito da capital, Fernando Haddad, apoia a atuação - ou seja, a

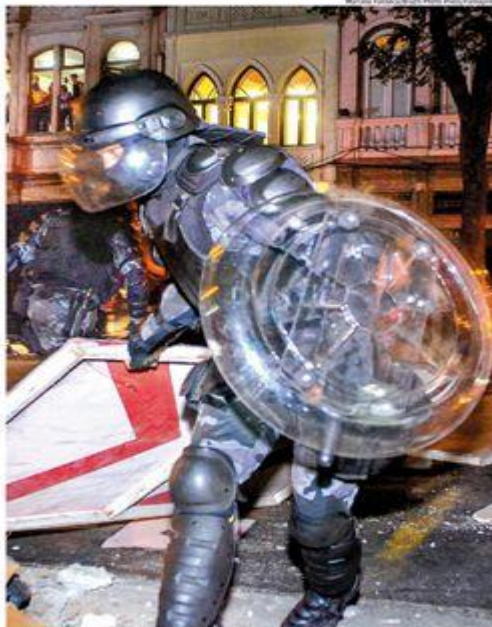
resposta violenta, da Polícia Militar durante os atos; e, um pouco mais abaixo, uma nota sobre um promotor não identificado que havia incitado atos de violência contra os manifestantes e agora estava se desculpando.

Podemos ver, pela disposição das notícias na capa, que os protestos não são o assunto mais importante, prejudicados visualmente: quem passa os olhos rapidamente, provavelmente não prende os olhos nas pequenas manchetes que falam sobre o assunto, tendo sua atenção fixada ou pela primeira foto, em destaque e em cores vibrantes, da seleção brasileira e sua vitória, ou pela foto perto mais abaixo, que marca o momento da chegada de um torcedor corintiano acusado de homicídio na Bolívia.

Ao não abordar as manifestações de maneira sólida - explicando suas origens e motivos, por exemplo, trazendo fontes variadas - é como se o veículo negasse a existência das mesmas: “É em relação à disciplina que se diz que se não passou pelas mídias não há poder de reivindicação; é em relação a controle que se diz que se não passou pelas mídias, não existe” (GOMES, 2003, p. 77). Comunicar (ou não comunicar) é uma escolha de estratégia discursiva (CHARAUDEAU, 2005). Então, ao não comunicar o leitor sobre os acontecimentos, a Folha está escolhendo ignorá-los e julgando que, de acordo com sua narrativa, as especulações sobre as próximas eleições se configuram como algo mais digno de atenção.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921 folha.com.br
 ANO 92 • TERÇA-FEIRA, 11 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.730 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 01:06 • R\$ 3,00



► TRISTE ROTINA Policial em confronto, no centro do Rio, durante protesto contra a alta da tarifa de ônibus; 31 pessoas foram levadas para a delegacia, nove delas menores Contato 4

Análise do mensalão vai durar até 2 anos, diz ministro do STF

Para Dias Toffoli, esse deve ser o tempo necessário para que o Supremo Tribunal Federal julgue todos os recursos

O ministro do Supremo José Antonio Dias Toffoli estimou, em entrevista a Fernando Rodrigues e Felipe Seligman, que o julgamento do mensalão vai demorar ainda de um a dois anos para ser concluído. Só então serão executadas as penas. Até lá, os réus devem permanecer em liberdade, inclusive os quatro deputados que hoje exercem mandato.

Segundo Toffoli, esse é o tempo necessário para analisar todos os recursos do julgamento no STF, que em dezembro condenou 25 réus do mensalão, incluindo o ex-ministro José Dirceu.

Ex-advogado do PT e ex-assessor de Dirceu na Casa Civil, Toffoli disse que "não há provas" contra o ex-chefe, repetindo argumento que usou para absolvê-lo.

O ministro negou ter sofrido qualquer tipo de pressão do ex-presidente Lula, que o indicou para uma vaga no Supremo em 2009.

É comparado o estilo do petista ao da atual presidente. Para Toffoli, Lula "ouvia mais, sentia mais" antes de tomar uma decisão, enquanto Dilma Rousseff "se baseia mais na autoridade versus subordinação". Poder A4 e A5

Reservas ocupam Planalto, governo e prefeitura de SP

Desde a manhã de ontem, um "time reserva" comanda o país, o seu maior Estado e a sua principal metrópole. Foi o presidente da Câmara, Henrique Eduardo Alves, quem despatchou no Planalto. No Estado de São Paulo, o vice-governador Guilherme Afif Domingos assumiu a gestão. A vice-Nádia Campello está à frente da prefeitura paulistana. Poder A3

Com melhora dos EUA, dólar sobe e BC intervém duas vezes

A agência de classificação de risco Standard & Poor's melhorou a perspectiva da nota de crédito dos EUA, de negativa para estável. A mudança reforça a visão de que a recuperação da economia americana está se firmando e que os juros podem subir.

Com a possível alta, investidores passaram a aplicar mais nos EUA em detrimento de países como o Brasil.

A notícia fez o dólar subir, e o Banco Central precisou intervir duas vezes no mesmo dia — foi a primeira vez que isso aconteceu desde dezembro. Mesmo assim, a moeda fechou com alta de 0,6%, a R\$ 2,146 — a maior cotação desde maio de 2009.

Para frear a escalada da moeda, o governo está autorizado a poder dos bancos de vender dólares. Mercado B1

Deficitário, estádio do Pacaembu irá para o setor privado

O estádio do Pacaembu será repassado ao setor privado por até 30 anos. A prefeitura altera licitação para a reforma e a gestão do local, hoje deficitário, e estima que a empresa vencedora gastará R\$ 750 milhões para modernizá-lo. A ideia é que, além de eventos esportivos, o campo abrigue shows, o que hoje é proibido. Espetro B4

ILUSTRADA
No filme 'Antes da Meia-Noite', casal busca amor em meio à rotina 11

FOLHA NA COPA
Fifa proíbe tocar instrumentos na Copa das Confederações 01

BOA NOTÍCIA
USP lança amanhã cursos abertos e gratuitos pela internet Cotidiano C9

VLADIMIR SAFATLE
Ameaça terrorista vira justificativa para atitudes totalitárias Opinião A2

Taxa de suicídio entre jovens no Brasil aumenta 30% em 25 anos

A taxa de suicídio entre jovens no Brasil aumentou ao menos 30% nos últimos 25 anos. O crescimento é maior do que o da média da população, segundo o psicólogo José Manoel Bertolote, autor de livro sobre o tema.

A curva ascendente é contrária à tendência vista na Europa ocidental, nos EUA, na China e na Austrália, onde o número de jovens suicidas vem caindo. Equilíbrio C10

Haddad culpa preço da passagem por alta em sua rejeição

O prefeito Fernando Haddad (PT) disse que o aumento da tarifa de ônibus explica o aumento de sua rejeição. Segundo o Datafolha, o percentual de eleitores que acham a gestão petista ruim ou péssima subiu de 14% para 21%.

Haddad e o governador Geraldo Alckmin (PSDB) estão em Paris. Hoje haverá novo protesto contra a alta dos transportes em SP. Cotidiano C1

Ônibus andarão em faixas exclusivas nas marginais

Faixas exclusivas de ônibus serão implementadas até julho nas marginais Tietê e Pinheiros — ficando na pista local, à direita, nos dois sentidos. Na Tietê, no sentido Castello Branco, a faixa de ônibus funcionará das 6h às 9h. No sentido Ayrton Senna, o horário será das 17h às 20h. Cotidiano C6



► SALA DE ESTAR Índios de quatro etnias assistem à TV após invadirem a sede da Funai em Brasília; os indígenas dizem que o ministro Gilberto Carvalho não os atendeu, mas o governo afirmou que os líderes se recusaram a participar de reunião Poder A4

poder A5
Novos tribunais vão custar R\$ 922 mil por ano, diz estudo

RODÍZIO Cotidiano C2
São duas cirurgias caras com placas cujo final seja 3 ou 4

ATMOSFERA Cotidiano C2
Sete entre zero em São Paulo. Mínimo 19°C. Máximo 26°C

FALE COM A FOLHA
Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, se editores e a circulação. folha.com.br

311.504 exemplares impressos + digitais

EDITORIAIS Opinião A2
Leia "Alckmin em segurança", sobre avaliação do governador de São Paulo, e "No na transparência", acerca de descumprimento de lei de gestão pública.

ROSELY SAYÃO

Pais não devem se sentir pressionados a tirar rápido as fraldas dos filhos

Não há tempo certo nem para começar nem para terminar o processo de tirar as fraldas dos filhos. Não há método mais ou menos adequado; não há receita. A criança continua dar sinais claros de que quer aprender a andar o barbeiro. Os pais não têm de se preocupar tanto nem acompanhar o processo. Equilíbrio C11

Magnata financia a criação de robôs com mente humana

— The New York Times pag. 1
 O suplemento The New York Times passa a ser publicado às terças.

Capa do dia 11/06/2013

As mobilizações avançam e nesta capa já podemos ver que o tópico ganhou um pouco mais de espaço, agora sendo considerado assunto merecedor de uma foto; porém, ainda não é o destaque central. Esse ainda pertence a assuntos

políticos e econômicos - mensalão, trocas de cargo no Planalto, cotação do dólar - assuntos que compactuam com a ordem imposta.

Aqui estão presentes também duas notícias, assim como na capa do dia anterior: uma sobre a violência dos atos e outra sobre a reação do prefeito Fernando Haddad e sua leitura sobre o que vinha acontecido.

Sobre a foto, podemos ler o título “Triste Rotina”, em azul, e logo a explicação sobre a quem essa rotina abate: os policiais da foto que tiveram que enfrentar os manifestantes violentos durante as últimas noites. Luz estourada, foco no policial, vidro estilhaçado no chão, corpos se movimentando atrás e, ao fundo da imagem, alguns curiosos observando tudo de uma janela. Uma mistura de zona de guerra com a falta de empatia da população que vê e da que “ataca” a polícia militar, já que na capa não é explicado que a violência surgiu de ambos lados - manifestantes e policiais - como dizem os presentes no local. O foco está no trabalho sofrido da PM e no grande número de pessoas presas (31). O relato aqui não trata toda dimensão do que aconteceu, mas é o suficiente para despertar certos gatilhos, nos termos de Lippmann (1922), no leitor, apelando para a dramatização de uma profissão já perigosa - e até heróica, pode-se dizer - fazendo com que quem lê, veja um lado como mais digno de “pena” do que o outro.

Sobre a notícia que comenta a fala do prefeito Haddad, o mesmo afirma que o aumento de sua rejeição - de 14% para 21% - tem relação com o reajuste do preço da passagem, implementado uma semana antes, dia 3 de junho. Na última linha podemos ver o aviso de que um novo protesto tomaria as ruas naquela noite.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921 folha.com.br
 *** UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
 DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ANO 93 • QUARTA-FEIRA, 12 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.751 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 01h36 • R\$ 3,00



Militantes interditam a avenida Paulista em manifestação contra o aumento das tarifas do transporte em São Paulo; foi o terceiro confronto com a polícia em menos de uma semana

EUA e Japão fazem Bolsa de SP cair ao menor nível desde 2011

Dúvidas sobre medidas de estímulo nos EUA e no Japão derrubaram Bolsas pelo mundo onzeno. No Brasil, o Ibovespa caiu 3%, ao menor nível desde agosto de 2011. O índice Dow Jones teve queda de 0,8%. O Banco Central voltou a intervir duas vezes no mercado, e o dólar fechou com desvalorização de 0,2%. **Mercado B1**

Gurgel dispensa subprocuradora por 'falta de sintonia'

O procurador-geral da República, Roberto Gurgel, afastou a subprocuradora Deborah Duprat. Ela divergiu do superior no julgamento do projeto que trata a criação de partidos. Gurgel disse que a sintonia entre eles era "insuficiente". **Poder A5**

Polícia da Turquia reprime ativistas em praça de Istambul

A polícia da Turquia usou bombas de gás lacrimogêneo e jatos de água para expulsar manifestantes da praça Taksim, em Istambul. Horas mais tarde, milhares de militantes voltaram a se reunir no local, e houve novo confronto. **Mundo A10**

AI WEIWEI
Ao monitorar os cidadãos, governo americano age como a China

Mundo A13

Jacob Gorender, historiador marxista, morre em SP aos 90 anos

Poder A9

Contra tarifa, manifestantes vandalizam centro e Paulista

No 3º e mais violento protesto, ativistas enfrentam PM e atacam ônibus e estações do metrô; 20 são detidos



Policiais atiram contra manifestantes, que incendiaram ônibus no centro de São Paulo

No mais violento protesto contra o aumento da tarifa do transporte público, manifestantes voltaram a entrar em conflito com a polícia na região central de São Paulo. Como saldo, 20 pessoas foram detidas. Um ônibus foi parcialmente queimado, e outros, apetrechados. Estações de metrô foram depedadas, muros, pichados, e vitrines, quebra-vidas. Lojas e bancos fecharam as portas. Foi o terceiro ato em menos de uma semana — os ativistas são contra a alta da passagem, de R\$ 3 a R\$ 3,20. Segundo a PM, mais de 5.000 pessoas foram ao protesto. A prefeitura fala em 2.500.

Segundo a polícia, os militantes lançaram pedras, panes e coquetéis molotov contra a PM, que atirou balas de borracha, bombas de efeito moral e gás pimenta. A manifestação ocorreu sem a presença na cidade do prefeito Haddad (PT) e do governador Alckmin (PSDB), que estão em Paris. O Movimento Passe Livre promete um novo protesto amanhã. Porém, policiais civis e servidores da saúde protestaram contra o governo Alckmin, e reintegração de posse na zona sul também terminou em confronto. **Colômbio C1**

Repórter da Folha é detido pela Polícia Militar durante protesto. C5

DEPOIMENTO
Sangrando, PM aponta sua arma, mas não dispara

GIBA BERGAMIN JR. DE SÃO PAULO

Um policial e um manifestante caíram no chão atirados. Cerca de dez pessoas começaram a agredir o PM com pedras, socos e chutes. Mesmo atingido, ele se levantou. De pé, sangrando, o policial apontou a arma para o grupo. Não disparou. **Colômbio C4**

'Não temos controle; virou revolta', diz organizadora do ato

"Não temos controle. A manifestação se transformou numa revolta popular", disse Nina Capello, 23, estudante de direito e uma das organizadoras do Movimento Passe Livre. Capello culpou a "repressão violenta da polícia" pelo resultado. Segundo ela, a manifestação estava pacífica até que houve grande repressão no centro. **Colômbio C5**

Parte do teto de Congonhas cai e atinge passageira

Um bloco de gesso se desprendeu do teto do aeroporto de Congonhas e atingiu uma passageira. O acidente ocorreu perto do saguão central. Após ser atendida num hospital, a vítima foi liberada para embarcar.

O buraco no teto já foi fechado. A Infraero informou que irá analisar as causas da queda do gesso. **Colômbio C10**

COMIDA
Chefs organizam panelaço contra arrastões em restaurantes

ALEXANDRA FORBES
Violência fere a imagem de SP como meca gourmet **Colômbio F7**

365
Bellini - Brasil jogou entre 1958

FOLHA NA COPA
Estreia série Os Caras das Copas, com personagens dos Mundiais

EDITORIAIS **Opinião A2**
 Leia "Gradual e inseguro", sobre desempenho do governo na gestão da economia, e "Melhoras marginais", acerca de taxas exclusivas de ônibus.

350.596 exemplares impressos e digitais

RODÍZIO **Colômbio C2**
 Não devem circular carros com placas cujo final seja 5.6

AMOSTRA **Colômbio C2**
 Cheva à tarde na capital paulista. Máxima 29°C. Mínima 19°C.

FALE COM A FOLHA
 Veja como entrar em contato com o serviço de atendimento ao leitor e a internetem: fale.folha.com.br

Capa do dia 12/06/2013

Aqui, os protestos finalmente se tornam o alvo principal da capa. Três fotos, três notícias. Agora já vemos uma tentativa de "pluralidade" de fontes: além dos policiais militares, Nina Capello, uma das organizadoras do Movimento Passe Livre

(MPL) foi ouvida. Porém, o título de sua fala soa problemático: “Não temos controle, virou revolta”, dando a entender que os manifestantes, livremente e sem explicação razoável, aderiram a violência e a desordem, quando, logo abaixo, vemos que Capello explica que o uso da força começou somente após a repressão policial. Ao lado, um pouco mais a esquerda, está a notícia que seria destaque na capa do dia 13: “Sangrando, PM aponta sua arma, mas não dispara”, narrando a briga entre um PM - pelo que vemos, aparentemente fora do seu turno, sem sua roupa de militar - e um civil que acabaram caindo no chão, onde o policial começou a ser agredido por outros manifestantes. O discurso deixa claro que o que mais importa não é o policial não fardado apontando uma arma para uma população que porta pedras e paus, mas sim seu sofrimento, “mesmo atingido”, “sangrando” ele se levante e não atira - O normal seria, então, atirar? A falta de outros pontos de vista marca um discurso até que plural, mas não necessariamente dialógico, não há divergências e apuração.

Na notícia principal, que narra “o mais violento protesto contra o aumento da tarifa pública”, nos é dito que na noite passada “manifestantes voltaram a entrar em conflito com a polícia na região central de São Paulo”, narrativa que nega qualquer ação incitadora por parte da PM. Continua narrando as propriedades privadas e públicas que sofreram danos, um ônibus queimado e outro depredado, assim como algumas estações de metrô, e classifica os manifestantes como “armados” com pedras, paus e coquetéis Molotov.

As fotos formam uma narrativa curiosa: a primeira, maior delas, mostra os manifestantes - provavelmente membros dos Black Blocks - numa fila, rostos tapados, se posicionando atrás de alguns escudos pretos, em meio a objetos queimando, roupas escuras, e uma saturação do vermelho que sai do fogo e de algumas luzes e sinaleiras nos cantos superiores da foto; alguns olham para a câmera, outros levantam os braços, há lixo na calçada.

A legenda “Manifestantes interditam a Avenida Paulista (...)”, sendo completamente ignorado o fato de que os Black Blocks, grupo anarquista que adere à violência, pensada também no sentido simbólico, como tática de ação, é apenas uma pequena parte da multidão. A segunda e a terceira fotos regulam em tamanho, no centro da página. A segunda foto mostra os policiais militares, apesar da sensação de movimento, há uma aura de organização, com uma foto que até parece “limpa”: homens fardados, calçada limpa, fila bem organizada, imagem menos saturada, com uma temperatura menor. A terceira foto traz de volta a narrativa do

caos, um ônibus pichado, fogo e vultos correndo, alta saturação e predominância dos tons de vermelho e preto, a legenda une as duas imagens “Policiais atiram contra manifestantes, que incendiaram ônibus no centro de São Paulo”.

Mais uma informação nos chamou a atenção, no canto esquerdo inferior da capa, uma notícia sobre as técnicas usadas pela polícia turca para reprimir as manifestações que haviam se espalhado nos países com a Primavera Árabe, contando o uso de bombas de gás lacrimogêneo e jatos d’água. Então, se, “Finalmente, o conhecimento que temos acerca de algum aspecto de nosso ambiente fornece a base para o como a gente age em relação a ele” (DEFLEUR, BALL-ROKEACH, 1989), ao vermos outros lugares reagirem de forma semelhante ao tratar protestos assim, o mesmo é validado como algo aceitável.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 93 • QUINTA-FEIRA, 13 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.752

EDIÇÃO NACIONAL • CONCLUÍDA ÀS 21H14 • R\$ 3,00

RECEBA HOJE

GUIA DA COPA DAS CONFEDERAÇÕES

Confira as sedes e a tabela do torneio que começa sábado

+ Perfil das oito seleções

NÚMEROS DO PROTESTO

87 ônibus depredados
 8 PMs feridos
 19 detidos
 R\$ 109 mil de prejuízo ao Metrô

Governo diz que será mais duro contra o vandalismo

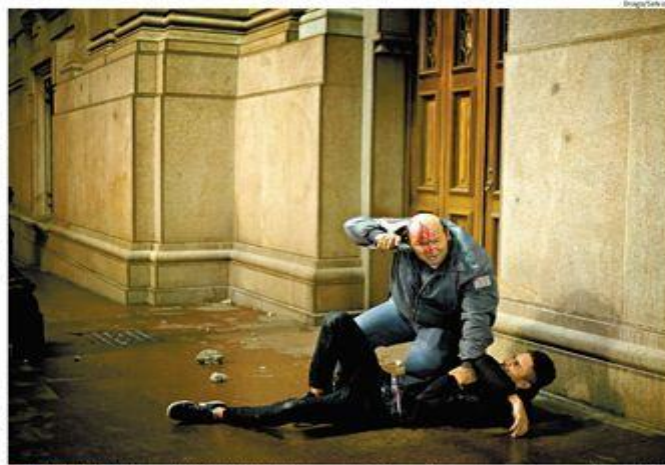
Polícia acionará Tropa de Choque em ato hoje, e Alckmin cobrará manifestantes por prejuízos

Mantega recua e zera imposto para segurar a alta do dólar

Dois dias depois de afirmar à Folha que não pretendia retirar o IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) de operações com dólar no mercado futuro, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, anunciou que a alíquota de 1% deixará de existir. O objetivo é atrair mais dólares ao país e segurar a escalada da moeda americana, que ontem subiu para R\$ 2,149, a maior cotação em quatro anos. **Mercado 11**

Presidente ataca o pessimismo dos que a criticam

Em um momento de queda de popularidade, a presidente Dilma acusou os críticos de serem como o "velho do feijão", personagem do poeta português Luís de Camões e símbolo do pessimismo. Segundo ela, o "velho do feijão não terá a última palavra no Brasil". **Poder A4**



■ **ENCERRALADO** Ferido, o policial Wanderlei Vignoli agarra militante e aponta arma para grupo que o agrediu em protesto contra a alta das passagens, ontem, perto da praça da Sé (SP); ele disse ter ouvido gritos de "lincha" e "mata". **Cotidiano 1 C2**

guerra dos PINGUINS

Manifestantes contra o governo turco têm usado imagens de pinguins nos protestos. No primeiro dia, em vez de exibir imagens da repressão policial, a CNN turca veiculou filme sobre as aves, enfurecendo ativistas. Em protesto, TV opositora cortou a transmissão do discurso presidencial para exibir imagens dos animais. **Mundo A 20**

mundo 418

Debater de espionagem diz que quer ser julgado em Hong Kong

CIÊNCIA

Em 2014, sonda espacial pousará em cometa pela primeira vez. **Pág. 7**



Representação gráfica de parte da sonda em cometa

Dilma Rousseff nomeia mais um advogado de sua campanha ao TSE

Poder A4

poder A10

Diretor de jornal é morto com 44 tiros na Baixada Fluminense

TURISMO

Dunas e lagoas rendem cenário exclusivo a Lençóis Maranhenses. **11**

EDITORIAIS Opíneo 42

Leia "Retomar a Paulista", a respeito de protestos abusivos, e "Tribunal em causa própria", acerca de emenda constitucional que cria quatro TREs.



CONTARDO CALLIGARIS

Estranho não é transar na escada, mas sim transar sempre na cama. **18**

100.883 exemplares

Impressão • Distribuição

ATMOSFERA Cotidiano 2 pág. 2

Chuva forte no Norte

100 metros

FALE COM A FOLHA

Veja como entrar em contato com o serviço de atendimento ao leitor e a publicidade: fale@folha.com.br

Presos em protesto são da periferia e de regiões nobres

Das 13 pessoas presas depois do protesto de ontem, só dois são estudantes. Há jornalistas, professores, metabólico, publicitário e artista. Vêm de regiões nobres, como Alphaville e Pedregulhos, e da periferia, como Poá e Pirinópolis. **Cotidiano 1 C4**

ANÁLISE/ALENCAR IZIDORO

Tarifa zero é uma bandeira utópica em cidade como SP. **Cotidiano 1 C4**

COMPRAR CERTA 2013
CAR-DRIVER

FAÇA A COMPRA CERTA.
130
 VENCEDOR DO PRÊMIO COMPRA CERTA DA REVISTA CAR AND DRIVER.

VEJA MAIS NA PÁGINA 5.

Híbrido flexão. **Hyundai** new possibilities.

Capa do dia 13/06/2013

A notícia principal se configura como um aviso aos manifestantes "Governo diz que será mais duro contra o vandalismo" e abaixo é afirmado que o ato que ocorreria à noite contaria agora com a presença da tropa de choque. Ao lado esquerdo, uma espécie de tabela, "Números do protesto", mostrando quantos ônibus

foram depredados, quantos policiais militares foram feridos, quantas pessoas foram detidas e quanto houve de prejuízo pelos danos nos metrô.

A narrativa continua ao citar o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, se referindo aos manifestantes como “vândalos” e “baderneiros”, prometendo maior repressão, assim como a responsabilização daqueles que destruíram patrimônio público. Ao centro, uma foto ilustrando o que havia ocorrido duas noites atrás: o policial à paisana e o civil que haviam brigado e caído no chão. Um homem grande, com sangue no rosto, segura outro com seu joelho e braço esquerdo, enquanto aponta sua arma para um grupo de manifestantes que haviam ameaçado-o; a legenda explica o momento: “ENCURRALADO: Ferido, o policial Wanderlei Vignolli agarra militante e aponta arma para grupo que o agrediu (...) ele disse ter ouvido gritos de “lincha” e “mata””.

No canto direito, uma notícia que expõe a heterogeneidade dos protestos: os presos são da zona rica e pobre da cidade, periferia e zonas nobres, sendo o grupo de 13 pessoas formado por estudantes, professores, jornalistas, artistas, metalúrgicos e publicitários. Logo abaixo, vemos, em vermelho, a chamada para uma Análise, “Tarifa zero é uma bandeira utópica numa cidade como SP” e duas notícias ao lado, a chamada para o editorial “Retomar a Paulista”.

“Retomar a Paulista”

“Oito policiais militares e um número desconhecido de manifestantes feridos, 87 ônibus danificados, R\$ 100 mil de prejuízos em estações de metrô e milhões de paulistanos reféns do trânsito. Eis o saldo do terceiro protesto do Movimento Passe Livre (MPL), que se vangloria de parar São Paulo --e chega perto demais de consegui-lo.

Sua reivindicação de reverter o aumento da tarifa de ônibus e metrô de R\$ 3 para R\$ 3,20 - abaixo da inflação, é útil assinalar- não passa de pretexto, e dos mais vis. São jovens predispostos à violência por uma ideologia pseudorrevolucionária, que buscam tirar proveito da compreensível irritação geral com o preço pago para viajar em ônibus e trens superlotados.

Pior que isso, só o declarado objetivo central do grupelho: transporte público de graça. O irrealismo da bandeira já trai a intenção oculta de vandalizar equipamentos públicos e o que se toma por símbolos do poder capitalista. O que vidraças de agências bancárias têm a ver com ônibus?

Os poucos manifestantes que parecem ter algo na cabeça além de capuzes justificam a violência como reação à suposta brutalidade da polícia, que acusam de reprimir o direito constitucional de manifestação. Demonstram, com isso, a ignorância de um preceito básico do convívio democrático: cabe ao poder público impor regras e limites ao exercício de direitos por grupos e pessoas quando há conflito entre prerrogativas.

O direito de manifestação é sagrado, mas não está acima da liberdade de ir e vir - menos ainda quando o primeiro é reclamado por poucos milhares de manifestantes e a segunda é negada a milhões.

Cientes de sua condição marginal e sectária, os militantes lançam mão de expediente consagrado pelo oportunismo corporativista: marcar protestos em horário de pico de trânsito na avenida Paulista, artéria vital da cidade. Sua estratégia para atrair a atenção pública é prejudicar o número máximo de pessoas.

É hora de pôr um ponto final nisso. Prefeitura e Polícia Militar precisam fazer valer as restrições já existentes para protestos na avenida Paulista, em cujas imediações estão sete grandes hospitais.

Não basta, porém, exigir que organizadores informem à Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), 30 dias antes, o local da manifestação. A depender de horário e número previsto de participantes, o poder público deveria vetar as potencialmente mais perturbadoras e indicar locais alternativos.

No que toca ao vandalismo, só há um meio de combatê-lo: a força da lei. Cumpre investigar, identificar e processar os responsáveis. Como em toda forma de criminalidade, aqui também a impunidade é o maior incentivo à reincidência.” (Folha de S. Paulo, 2013).

Nesse mesmo dia, O Estadão publicou um editorial com viés semelhante, intitulado “*Chegou a hora do basta*”. Os dois maiores veículos de comunicação de São Paulo, com reverberações em todo país, declaram - abertamente - sua reprovação e saturação com os protestos dos últimos dez dias. Acusam e generalizam os manifestantes - “jovens predispostos à violência por uma ideologia pseudo-revolucionária”, “grupelho”, “criminalidade”.

Criticam suas pautas e deixam entender que o pedido por transporte livre é apenas uma camuflagem para objetivos secundários. Abalam a confiança que aqueles movimentos poderiam ter ganhado ao difundir sua luta por passe livre e plantam o medo de ser gado de uma manobra política disfarçada. Ao justificar a violência policial, apelam à necessidade de controle do Estado, que tem a responsabilidade de manter a ordem (qual ordem?) quando há “conflitos entre prerrogativas” como se os manifestantes houvessem atacado ou hostilizados pedestres ou forçado a adesão. Não há nenhuma menção aos feridos, aos presos ou ao uso indevido da força policial, mas há menção aos objetos quebrados: ônibus, vidraças de bancos. O patrimônio ganha mais espaço do que as pessoas, a empresa protegendo a propriedade privada, aspecto caro ao sistema neoliberal, signo que incide na produção da notícia (OLIVEIRA, 2012).

Ao afirmar o direito à manifestação como sagrado - logo após condená-lo duas linhas acima - o editorial afirma que esse só não é maior do que o direito do cidadão de ir e vir - exatamente o que os protestos defendem: o transporte livre - o cidadão é incitado a também não apoiar as manifestações, afinal “Sua estratégia

para atrair a atenção pública é prejudicar o número máximo de pessoas” subentende que o bem estar do cidadão não é uma pauta presente nos atos.

Por fim, é feita uma ode a Prefeitura e a Polícia Militar para que as mesmas contenham a situação e se certifiquem de que os atos precisam de aprovação de 30 dias de antecedência para acontecer e de roteiros revisados e conhecidos - mostrando uma total falta de conhecimento sobre as táticas de protesto, assim como manobras de segurança das mesmas. No último parágrafo, um pedido pela criminalização do “vandalismo” e uma resposta dura ao mesmo, já que “A impunidade é o maior incentivo à reincidência”.

O discurso não é oco ou morto em si, gera desdobramentos reais na concretude do mundo, já que é através deste discurso que aprendemos a entender o que se passa nesse mesmo mundo.

(...) a conclusão da narrativa de uma ação se daria por meio da apresentação de uma lição de moral, com uma mensagem “educativa” quase sempre acrescida de juízo de valor. Nesse momento se reafirmam os papéis de mocinho e heróis, enquanto presumível punição dos personagens identificados como “maus” ou vilões seria justificado (VEIGA, 2014 *apud* BECKER, 2006).

E o mais importante talvez seja o verbo escolhido para ser título do editorial, “Retomar”, pegar de volta algo que nos pertence, levanta algumas questões: quando a Paulista foi “deles” e quem são os que devem sair dela? Só é possível retomar algo que um dia foi nosso e que nos foi tirado, tomado de nós por alguém, pelos “outros”. Ao exigir posse de um espaço público, uma rua, uma das avenidas mais importantes e simbólicas da capital paulista, o jornal nos mostra que há um tipo mais adequado do que outro, há os que são bem-vindos aqui e os que não, reforçando a ordem já existente de circulação social, de gentrificação.

4.2.2 *Giuliana Vallone e a segunda narrativa: 14 a 19 de junho*

No dia 14, tem início nosso segundo período narrativo, após os atos de extrema violência na noite do dia 13, movidos pela oscilação do interesse público, o jornal começa a mudar sua narrativa sobre os atos, se juntando ao eco popular que vinha das redes sociais, se formou um catalisador que iria culminar no um milhão de pessoas indo às ruas na noite do dia 17.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 93 • SEXTA-FEIRA, 14 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.753

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 01H45 • R\$ 3,00

Polícia reage com violência a protesto e SP vive noite de caos

★ NO 4º ATO CONTRA TARIFA, PM CERCA MANIFESTANTES E USA BALAS DE BORRACHA E BOMBAS DE GÁS ★ DEZENAS DE PESSOAS FICAM FERIDAS E 192 SÃO DETIDAS ★ HADDAD CRITICA CORPORAÇÃO



Policial agride casal que tomava cerveja em bar na avenida Paulista, próximo ao Masp, ontem à noite, e recebeu ordem para que deixasse o local.

Petrobras está impedida de fazer comércio internacional

Devido a uma dívida de R\$ 7,3 bilhões, a Petrobras está impedida de importar, exportar e de participar de rodadas de licitação do pré-sal, segundo a própria estatal. O motivo é o cancelamento da certidão de débitos da empresa por uma decisão da Justiça em processo que discute a dívida com a Receita. A Petrobras tentou, em vão, reverter a medida. **Mercado B1**

saúde pag. 7

Suprema Corte dos EUA proíbe a patente de genes humanos

FALE COM A FOLHA

Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, se subscrever e a redação. **Fale Folha** folha.com.br

EUA afirmam que Síria usou armas químicas contra rebeldes

Os EUA disseram ter informações de que tropas do presidente sírio, Bashar al-Assad, lançaram mão de armas químicas contra os rebeldes. O governo diz que as forças sírias usaram gás sarin em pequena escala diversas vezes e que de 100 a 150 pessoas morreram nos ataques. A gestão Obama está dividida quanto a uma intervenção militar no país. **Mundo A12**

RODÍZIO Continuação 2 pag. 2

Não devem chegar contra um plano cujo final seja...

ATMOSFERA Continuação 2 pag. 2

Tempestades amarradas no Grande SP. Mínimo 10°C. Máximo 24°C.

317.575 exemplares impressos + digitais



A repórter Giuliana Vallone, ferida no olho por tiro da PM.

Distúrbios começaram com ação da Tropa de Choque

ELIO GASTRINI

COMUNISTA DA FOLHA

Quem acompanhou a manifestação pode assegurar os distúrbios começaram por um grupo de uns 20 homens da Tropa de Choque, que, a olho nu, chegaram com esse propósito.

Jornalistas da Folha levam tiros da PM; sete são atingidos

Sete jornalistas da Folha foram atingidos pela PM, incluindo Giuliana Vallone e Fábio Braga. Feridos no rosto por balas de borracha. "Um PM atirou covardemente minha", disse testemunha. A Secretária da Segurança lamentou os casos. **Coluna 1 C2**

EDITORIAIS Opinião A2

Letra "A nova face do Ira", o respeito de eleições naquele país, e "Aviso aos navegantes", acerca de declaração de Dilma contra críticos de seu governo.

A Polícia Militar reagiu com forte violência à quarta manifestação contra o aumento das tarifas de transporte, o que levou caos e tensão ao centro de São Paulo. O estopim ocorreu quando a PM fez bloqueios na região da rua da Consolação para tentar conter os manifestantes, estimados em cerca de 5.000, e evitar que chegassem à av. Paulista.

Policiais usaram bombas de gás e balas de borracha. Manifestantes responderam com pedras. A violência afetou pedestres e motoristas, que chegaram a abandonar os carros nas ruas. Dezenas de pessoas ficaram feridas — muitas delas não faziam parte do protesto. A PM não informou quantos policiais se feriram.

Hoje ao menos 192 detenções, em meio a incidentes isolados de depredação. O prefeito Haddad (PT) disse que "a imagem que ficou foi a da violência policial". O governador Alckmin (PSDB) afirmou, em rede social, que o governo "não vai tolerar vandalismo".

Rio e Porto Alegre também tiveram atos contra o reajuste. Novo protesto foi marcado para terça-feira em São Paulo. **Coluna 1 C1**

Nenhuma megafonia mandou a passeata parar. Começaram a atirar bombas de gás. Manifestantes buscaram pedras e também conseguiram o que queriam: uma botinha campal. Foi cena de conflito de câmbis com antipropaganda. **Coluna 1 C2**

NÉLIO SCHWARTSMAN

Democracia precisa aprender a conviver com manifestações. Mesmo rejeitando o vandalismo, deve-se reconhecer que protestos por vezes tornam-se democracia. E preciso garantir que movimentos reivindicatórios ocorram sem julgar o que os motiva. **Opinião A2**

ELANTRA 2.0
MAIS POTENTE E MAIS ESPAÇOSO QUE CRUZE E CIVIC.

Respeite os limites de velocidade. VEJA MAIS NA PÁGINA 5.

Capa do dia 14/06/2013

O olho é rapidamente capturado pelas letras graúdas da notícia principal "Polícia reage com violência a protesto e SP vive noite de caos" e logo abaixo uma foto, um casal sendo empurrado por um policial gritando, o homem e a mulher são

lançados ao chão, atrás, de dentro de um restaurante, pessoas olham com semblantes de pavor.

Agora, já há a definição do “ato contra tarifa” do que, um dia antes, era visto como baderna sem sentido. Além disso, agora há foco nas pessoas feridas e não nos policiais militares feridos, como na capa do dia 13. Na foto do casal, a maior da capa, é possível saber, pela legenda, que o casal não era membro das manifestações, estava num bar, quando foi solicitado pela PM que eles fossem embora, a mesma relação de violência policial causando danos a pessoas não envolvidas diretamente no ato pode ser notada no corpo do texto, quando é dito que “dezenas de pessoas ficaram feridas - muitas delas não faziam parte do protesto”, “A violência apavorou pedestres e motoristas, que chegaram a abandonar os carros nas ruas”, o porquê dos problemas com trânsito e fluxo da cidade é reformulado, ganha um novo significado e uma nova narrativa.

A segunda maior chamada da capa “Distúrbios começam com ação da Tropa de Choque”, mais abaixo, vem ao lado de outras duas narrativas do tema, “Jornalistas da Folha levam tiros da PM; sete são atingidos”, ao lado de uma foto da repórter da TV Folha, Giuliana Vallone, que foi atingida no olho por uma bala de borracha, na foto tirada de cima para baixo, a mesma aparece sentada no chão, com as pernas quase dobradas, o rosto cheio de sangue e o olho inchado, sendo socorrida; ao lado, uma coluna do jornalista e filósofo Hélio Schwartzman. “Democracia precisa aprender a conviver com manifestações” - relação que havia sido criticada no editorial no dia anterior.

Aqui podemos ver a intersecção de poderes que forma o discurso: a oscilação da opinião pública, e a necessidade de se posicionar levaram o jornal a mudar sua narrativa, agora criminalizando uma outra parte da sociedade. “O texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia em outro lugar: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário” (BENETTI, 2007, p. 111). Ele é um resultado do jogo de forças externas, num momento em que a Folha não podia mais negar a materialidade do mundo, as “estruturas invisíveis que determinam o que vemos e o que não vemos”, agora nos mostram uma parcela maior dos acontecimentos, começando um jogo de retroalimentação entre leitor/opinião pública X jornalismo que irá marcar as Jornadas de Junho de 2013 (LIPPMANN).

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: GILBERTO FREITAS FILHO

ANO 93 • SÁBADO, 15 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.754

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 08H16 • R\$ 3,00

Justiça libera Petrobras para fazer comércio internacional

O Superior Tribunal de Justiça reverteu decisão que impedia a Petrobras de importar e exportar petróleo, por causa da dívida de R\$ 7,3 bilhões com a Receita. O tribunal tornou nula decisão de antemão, que mantinha o cancelamento da certidão de débitos da empresa.

Segundo o Ministério Público Federal no Rio, a Petrobras poderia "quebrar" e gerar "caos" na Bolsa se pagasse o débito. Mercado B3

Moderado lidera eleição no Irã com ampla vantagem

O Ministério do Interior do Irã anunciou que o conservador Hasan Rouhani lidera a contagem de votos da eleição à Presidência, informa Sany Adghisari, do Teorã. Dos 1,8 milhão de votos apurados, ele tem 49%. O conservador Mohammad Qalibaf é o segundo, com 17%. O resultado definitivo é esperado para hoje. Mundo A14

Para FMI, fim de estímulo dos EUA é risco a emergentes

Mercado B3

Alckmin defende PM e diz que protesto tem viés político

Haddad reafirma que não reduzirá tarifa de ônibus e marca reunião com líderes das manifestações



Preso durante os protestos, Bruno Lourenço, 19, comemora ao deixar delegacia em SP

Um dia após a Polícia Militar reagir com forte violência ao protesto contra o aumento da tarifa de transporte em São Paulo, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) defendeu a corporação e disse que o Estado tem "a melhor polícia do Brasil".

"Ela tem o dever de preservar a população. (...) Não é possível permitir atos de vandalismo." Segundo ele, os protestos têm cunho político. O governador disse que vai mandar investigar eventuais excessos da PM.

ANÁLISE VERA MAGALHÃES

Não há vencedores políticos depois de batalha campal

Não há vencedores políticos da batalha campal que São Paulo viveu quinta. Alckmin mostrou descolamento da realidade, e cortazes com a foto de Haddad e o apelido "Matadão" pipocaram.

Nem Dilma passa ao largo da insatisfação. Continuação 1 C2

A defesa do governador levou a um embate entre tucanos e petistas. O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, cotado para disputar o governo paulista em 2014, disse que houve "extrema violência policial".

O diretorio paulista do PT criticou a "ação truculenta e sem diálogo" da PM.

O prefeito Fernando Haddad (PT) reiterou que não irá reduzir a tarifa dos ônibus R\$ 3,20 e marcou reunião com líderes do Movimento Passe Livre para terça. Continuação 1 C1

Polícia Militar só reagiu a ataque, afirma comandante

O comandante-geral da Polícia Militar, Benedito Roberto Meira, disse que, anteontem à noite, os manifestantes quebearam acesso de não protestar na av. Paulista e que a polícia só reagiu ao ataque. Segundo ele, a PM tentará negociar uma rota para evitar novo confronto na segunda. Continuação 1 C3

MARCELO COELHO
Biografia retrata petista José Dirceu como um político ilustre **Página 1 A10**

PAINEL DAS LETRAS
Obra de Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, será reeditada **Novidade 14**

FOLHINHA
Aproveite as feiras de livros para ficar perto do autor favorito **Pág. 1**

EDITORIAIS **Opinião A2**
Leia "Agentes do caos", sobre violência da Polícia Militar paulista, e "Copa das preocupações", a respeito de torneio de futebol que começa hoje.

FOLHA NA COPA

AGORA É PRA VALER

Pais e seleção estreiam hoje no torneio-teste para o Mundial

HOJE
Brasil x Japão
19h Maracanã, Rio de Janeiro
TV: Rede Globo e SporTV

AMANHÃ
México x Itália
19h Maracanã, Rio de Janeiro
TV: Rede Globo e SporTV

Espanha x Uruguai
19h Arena Pernambuco, Recife
TV: Rede Globo e SporTV

Felipão move barreira em treino no estádio Maracanã (DF)

Avaliação do transporte de São Paulo é a pior da história

Os protestos contra a alta das tarifas acontecem no momento de maior insatisfação dos paulistanos com o transporte público já captada pelo Datafolha, que pesquisa o serviço desde 1987. O sistema de transporte é considerado ruim ou péssimo para 55% dos entrevistados. Só 15% o avaliam como bom ou ótimo. O Datafolha ouviu 85 pessoas na última quinta-feira. Continuação 1 C5

Ladrões assaltam casa de sobrinho do governador de SP

A casa de um sobrinho do governador Geraldo Alckmin foi assaltada na madrugada de anteontem no bairro do Morumbi. Os ladrões fugiram levando joias e dinheiro. No ano passado, a residência já havia sofrido tentativa de assalto. Continuação 1 C6



302.902 exemplares
Impressão digital

ATMOSFERA **Continuação C2**
Dia de calor na Grande São Paulo
Mínima 14°C Máxima 23°C

FALE COM A FOLHA
Vá a nossa editoria em contato com o serviço de atendimento ao leitor e a subscrição: 1406-2000 ou 0800-000000

Respeite os limites de velocidade.

VEJA MAIS NAS PÁGINAS 5, 6 E 7.

ELANTRA 2.0 Flex

HYUNDAI NEW THINKING. THE NEW POSSIBILITIES.

Capa do dia 15/06/2013

O que inicialmente foi uma pequena foto no canto da capa, agora virou assunto principal. No centro, duas narrativas contraditórias: de um lado o governador Geraldo Alckmin defendendo a polícia militar de São Paulo e, do outro, uma foto do

momento que um rapaz preso durante os protestos é solto, comemorando e sendo levado nos braços de seus amigos. À direita, uma análise de Vera Magalhães, “Não há vencedores políticos depois de batalha campal”, se referindo aos protestos; e ao lado, um depoimento de um comandante da PM, afirmando que a polícia apenas reagiu à violência dos manifestantes, não tendo ela começado os ataques de forma gratuita. Abaixo, uma notícia sobre a insatisfação com o transporte público da capital, com a pior avaliação da história. E, por fim, um novo editorial, “Agentes do caos”, se referindo diretamente à polícia militar.

Podemos ver uma mudança forte, porém cautelosa, de narrativa, os atos estão em pauta e são justificados através de outras notícias que atestam que sim, o transporte está, de fato, ruim e caro. Porém, há uma dualidade de fontes e discursos, uma vez que ainda há quem defenda as ações da PM e isso é exibido. Nos parece que, ao tornar-se inevitável não falar sobre as manifestações e a falar mais do que o que estava sendo falado - vândalos destroem coisas por causa nenhuma - a Folha escolhe ouvir seu leitor e oscila, assim como a opinião pública.

FOLHA DE S. PAULO

Brasil 1923 folha.com.br
 DIRETOR DE REDAÇÃO: OTACIO FRASS FILHO 400 011 **DOMINGO, 16 DE JUNHO DE 2013** R\$ 3,500

TV FOLHA • São Paulo • Cotidiano

A SEMANA em que São Paulo ARDEU



TV CULTURA 20h30, repete às 23h
INTERNET Assessoria para site de Folha e pelo UOL

Em protesto, manifestante veste máscara de Dilma "V de Vingança"

Alunos da USP tentam, em vão, ir a protesto sem pagar tarifa; Polvilho, o líder, dá mexericos contra tensão **Continuará C4**

Polícia Militar afirma que militantes do PSOL arremetiam punks para praticar vandalismo; partido nega **C4**

Confira imagens e frases dos dois últimos atos contra o aumento das tarifas **Alargando pag. 18**

ALAN GRIPP E FÁBIO ZANINI
 Polícia insuflou as manifestações em SP e Istanbul **C2**



DENTRO DE CAMPO, FOI FÁCIL.
 Com um belo gol de Neymar, Brasil vence Japão por 3 a 0 na abertura da Copa das Confederações **Folha de São Paulo B1**

Itália e México jogam às 16h, no Rio, e Espanha encara Uruguai às 19h, em Recife **A5**

Tostão
 Já temos um time, não é suficiente para atacar no nível das melhores seleções **A6**

Neymar comemora um gol, o primeiro da vitória em Brasília

Estreia do Brasil tem vaia a Dilma, feridos e presos

Presidente é hostilizada três vezes; em protesto antes do jogo, 30 pessoas são detidas

A presidente Dilma Rousseff foi vaiada três vezes durante a abertura da Copa das Confederações, em Brasília. Comemoração, o presidente da Fifa, Joseph Blatter, divulgou: "Onde está o fair play", o que o levou a ser hostilizado pelos torcedores.

Na última semana, Dilma teve de lidar com a polêmica da queda de sua popularidade, apontada pelo Datafolha, e com a subleia do dólar, que forçou o governo a adotar medidas para conter a alta. Proximidade, ela atacou os críticos em três ocasiões.

Antes da partida, em frente ao estádio, aconteceu um protesto contra os jogos realizados na Copa e em apoio ao Movimento Passe Livre. A polícia usou bombas de gás lacrimogêneo, balas de bico e gás de pimenta para reprimir a manifestação.

Acrescentando 29 pessoas se feriram, segundo policiais envolvidos pela Folha. Já o governo da Fifa diz que feriram outros 100. Trata-se de um protesto. Para comemorar a vitória, a ação foi contra. Folha de São Paulo. Foto: Roberto G. B.

LOBO MAU

"O que fazia em lá ser torturado", diz Maria Helena Gomes de Souza, viúva de Amílcar Lobo. Na história militar, ele sobreviveu se presos pediam continuar a ser torturados. Quando criança, a filha do médico, que relatou sobre o caso, contou que o pai era o lobo mau. **Podar A4**



ILUSTRADA
ILUSTRADA

Morre a escritora Tatiana Belinky aos 94 anos em SP

Podar A13

ATMOSFERA **Continuará C2**
 Fome no abito **Podar A13**
 Mito **Podar A13**

FALE COM A FOLHA
 Não deixe de falar conosco. Contate-nos pelo telefone 0800 011 2000 ou pelo e-mail folha@folha.com.br



ISSN 0001-0646
 Registro em 01/01/2013

Centrista vence eleição no Irã e celebra 'triunfo da moderação'

O opositor centrista Hassan Rouhani, único candidato inscrito a disputar as eleições presidenciais, será o novo presidente do país, informou Saeed Adgham, de Teerã. Rouhani suspendeu seu primeiro termo cinco candidaturas, inclui conservadores. Em declaração à TV, ele disse que sua vitória foi "o triunfo da moderação e do desenvolvimento". **Monetária**

EDITORIAIS **Opção A2**
 Leia "Podemos garantir" a respeito de eleições no STF sobre projeto em tramitação, e "O DNA é de brasileiros", sobre decisão da Suprema Corte dos EUA.



Qual AUTO Comprar 2013

1.8i
CAMPEÃO ABSOLUTO ENTRE OS SUVs PREMIUM SEGUNDO A REVISTA AUTOSPORTE.

VEJA MAIS NA PÁGINA 5.

Capa do dia 16/06/2013

Com o início da Copa das Confederações, o foco principal deixa de ser os atos e passa a ser a atuação do Brasil nos jogos, porém o interesse nas manifestações não é totalmente perdido. As imagens da capa: no centro, uma foto de Neymar Júnior, jogador da seleção brasileira comemorando um gol, com a legenda "Dentro do campo, foi fácil", possivelmente fazendo uma comparação entre nossa situação política da época, incertezas e tensão, com a atuação da seleção nos jogos, uma crítica subliminar.

À esquerda, na vertical, cobrindo toda a extensão da página, podemos ver a foto de um manifestante usando uma máscara do famoso filme “*V de Vingança*”¹⁶, símbolo de revoluções e levantes populares, e flores na mão. A legenda “A semana em que São Paulo ardeu”; e em sua base, as chamadas para as notícias ligadas aos protestos: estudantes da USP tentando ir aos protestos sem pagar tarifas de ônibus, e, ao não conseguirem, “Polvinho, o líder, dá mexericas contra tensão”, na chamada ao lado a PM acusa o PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) de “arregimentar” punks para praticar vandalismo. O partido nega - não é mais uma massa violenta, estão identificando atores violentos, e implantados, em meio a uma massa pacífica de manifestantes. Abaixo, chamadas para uma notícia local e outra internacional: um convite para os leitores verem as fotos e frases dos últimos dois atos contra o acréscimo da tarifa.

Foquemos na escolha da palavra ato, mais “amena” do que a palavra manifestação ou protesto, o clássico jogo de escolha de palavras; há um significado sendo expresso quando escolhemos como descrever algo ou alguém, por exemplo, ao identificarmos alguém como imigrante, estamos lhe dando uma aura de legalidade e proteção - há leis para imigrantes - porém, quando o chamamos “clandestino”, estamos insinuando que um ato ilegal foi cometido, o de entrar em um país ou território sem os devidos documentos (CHARAUDEAU, 2006); a mesma lógica pode ser usada quando tratamos de “invasão” e “ocupação”, como ilustra Christa Berger.

[...] o enunciador ao optar por “invadir” faz a escolha de um signo que preserva o conceito de propriedade privada, em que o sujeito do enunciado encontra-se na ilegalidade e ao destinatário é oferecida uma pista de leitura em que a transgressão tem permissão para ser punida. Caso optasse por “ocupar”, ele estaria sustentado pelo conceito de propriedade social da terra e a ilegalidade se encontraria na ação de repressão (BERGER, 1998, p. 131).

À direita, uma notícia internacional ligando os protestos que ocorriam em Istambul (Turquia) com os que ocorrem em São Paulo, “Polícia insuflou as manifestações em SP e Istambul”, dando um sentido mundial para o que estava ocorrendo e trazendo referências de outros países que também estão lidando com movimentos sociais e políticos.

¹⁶ Filme de 2006, dirigido por James McTeigue. Narra a história de uma Inglaterra num futuro distópico, com um regime totalitário, onde um justiceiro anônimo comanda uma revolução.

Nesta capa, podemos ver que a Folha, nessa nova fase, não se posiciona abertamente a favor das manifestações, porém passa a não fazer grandes objeções e críticas, como fazia no período narrativo anterior (10 a 13 de junho) e começa a, discretamente, introduzir as pautas que lhe interessam.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921 **UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL** folha.com.br
4402 05 • SEGUNDA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 2013 • R\$ 3,00 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUSÃO ÀS 01h • R\$ 3,00



■ CAMPO DE MARACANÃ Manifestantes e Tropa de Choque voltam a entrar em confronto ontem, desta vez em frente ao Maracanã, antes da partida entre Itália e México pela Copa 2014

Gov. de SP pede e terá reunião com manifestantes hoje

Tropa de Choque não será acionada caso protesto às 17h seja pacífico, diz secretário da Segurança Fernando Grella

Na véspera de mais um protesto contra o aumento das passagens do transporte público em São Paulo, o secretário da Segurança Pública, Fernando Grella Vieira, convida os líderes do Movimento Passe Livre para uma reunião hoje, às 16h. Segundo o governo, o objetivo é definir o trajeto da manifestação, que começa às 17h, no largo da Butantã.

O Movimento Passe Livre declarou que vai comemorar com o governo, mas que não aceitará interrupção ou sanção à definição do percurso. Grella afirmou que a Tropa de Choque não deverá ser acionada porque acredita que o protesto será pacífico. Ainda assim, a estação Faria Lima do metrô, que fica na região do ato de hoje, foi cercada por tapetes metálicos.

Além de São Paulo, hoje devem ocorrer manifestações em outros 12 municípios de todo Estado do país. Ontem, atos no exterior reuniram brasileiros em cidades como Dublin (Irlanda), Berlim (Alemanha), Montreal (Canadá), Nova York e Boston (EUA). **Intervista E1**

ANTÔNIO PRATA
São Paulo deve se preparar hoje para um evento de grandes proporções

ANÁLISE SAMY DANI
Paulistano trabalha 14 minutos para pagar tarifa, 4 vezes mais que em Pequim

RICARDO BALTAZAR
Preocupação dos manifestantes é manter distância de partidos políticos

Dilma cortou discurso após receber vaias de torcedores

Por causa das vaias que ouviu do público em Brasília, ontem, sua abertura da Copa das Confederações, a presidente Dilma Rousseff reduziu a sua fala a apenas uma frase. Ela tinha um discurso curto preparado, mas o abandonou e anunciou apenas o início do torneio. Antes disso, já governo protestos, a constitucional da Presidência decidiu que o discurso não seria mais feito no campo, mas da tribuna de honra. **Folha na Copa B7**

Papéis revelam os gastos da presidente em suas viagens

Documentos do Itamaraty mostram que a lista de despesas para as viagens de Dilma Rousseff ao exterior inclui média de 55 quartos em hotéis, 17 carros, caminhão leve para bagagem, telefone e internet para a comitiva e material de escritório, sob o nome de Fernanda Ghilini. As despesas com viagens presidenciais passaram a ser sigilosas após o final do mandato de Dilma. **Mundo A10**

cotidiano C1

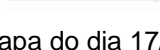
Menino de dois anos é morto durante assalto em Minas

ROBÍZDO Curitiba C2

Minidownload: roubo de cartão com chip em São Paulo

1.2

100.002 exemplares
Segunda • 17/06/2013



■ CAMPO DE FUTEBOL O italiano Roberto Soriano comemora gol contra o México. **Folha na Copa B2**

FOLHA NA COPA
Espanha e Itália estreiam com vitória na Copa das Confederações A1

RESULTADOS DE ORDEM

Itália 2 x 1 México

Espanha 2 x 1 Uruguai

HOJE
Lula e Wagnier
Lula (Brasil) e Lula (TV)



Tapetes protegem entrada de estação do metrô em SP

FOLHAINVEST
Títulos do Tesouro Direto voltam a render acima de dois dígitos A2

TEC
Falta de lei para internet expõe usuário brasileiro à vigilância dos EUA C1

ILUSTRADA
Guinada do líder Malcolm X aos direitos humanos é tema de livro C11

ANÁLISE MARIANA LAJUDO
Humor e fantasia guiaram a obra de Tatiana Belinky

O humor e a musicalidade, duas tradições no gênero infantil, ecoam na obra de Tatiana Belinky, figura ímpar na literatura brasileira que morreu, recentemente, aos 94. Seu trabalho caminha a função maior do livro: a fantasia, e o reforço da identidade e a solidariedade com o diferente. **Cartasão C4**

Pais de crianças com autismo seguem diferentes métodos

Atividades em grupo, como teatro, capoeira e jazz, têm sido cada vez mais praticadas por pais de crianças com autismo e incorporadas aos tratamentos clássicos. O objetivo dessas iniciativas é estimular as relações sociais entre os crianças. Entre os tratamentos utilizados, estão as terapias comportamentais e a psicodrama. **Salão C7**

ENTREVISTA DA 2ª ALEXANDRE HADDAD
Desigualdade no país se deve aos atrasos em educação

O economista Alexandre Haddad, da Universidade Federal de Pernambuco, diz que atrasos educacionais explicam 100% das desigualdades de renda no Brasil. Se correto, o diagnóstico do pesquisador significa que o país tem, imediata e em pólio as etapas há décadas. "Os gastos com educação nos países mais pobres são muito inferiores aos do Suécia. Ainda estamos reproduzindo as desigualdades registradas." **Entrevista da 2ª E12**

EDITORIAIS Opinião A2

Lula "Os tentáculos dos EUA", sobre sistema de espiagem do governo americano, e "Ensinar a resistir", a respeito de cursos para professores.

FALTA COM A FOLHA
Uma coluna sobre os desafios da educação em Pernambuco. **Veja Folha.com.br**

ATMOSFERA Curitiba C2
Um cheiro de capital paulista. **Mundo B4C, Notícias 20C**

A parte superior da capa é totalmente focada nos protestos e seus desdobramentos. À esquerda, uma foto de um confronto entre a Polícia Militar e os manifestantes, bem diferente das que haviam sido publicadas antes, mostra alguns manifestantes correndo enquanto a tropa de choque avança protegida por escudos em meio ao nevoeiro das bombas de gás. No centro, a manchete “Governo de SP pede e terá reunião com manifestantes hoje”. Abaixo, um aviso de ação da Tropa de Choque no protesto que aconteceria na mesma noite, caso esse fosse pacífico, segundo o secretário da Segurança, Fernando Grella; entra um pedaço do texto, explicando como funcionaria a relação entre protesto e policiamento: o trajeto seria decidido na hora e comunicado - em contraste com o editorial do dia 13, que defendia um aviso de tempo maior - e é informado que haverá outros protestos ao redor do país, assim como houveram protestos de brasileiros que vivem fora.

Embaixo do texto, outras três notícias também se relacionando com os acontecimentos, em ordem: “São Paulo deve se preparar hoje para um evento de grandes proporções”, uma análise “Paulistano trabalha 14 minutos para pagar tarifa, 4 vezes mais que Pequim” e “Preocupação dos manifestantes é manter distância de partidos políticos”. Esse estilo de notícia volta a ratificar a mudança de comportamento da Folha; esse “apoio” foi de especial importância para o aumento da adesão popular - apesar de ser impossível afirmar com certeza o que moveu o que, se foi o jornalismo que moveu a população ou a população que moveu o jornalismo - os veículos de informação são vistos como fontes confiáveis e verdadeiras, e o que publicam tem um desenrolar importante dentro da sociedade.

Diretamente abaixo dessas três notícias, vemos outra manchete, uma acusação de que um Ministro estaria usando os protestos para se beneficiar eleitoralmente. Além disso, a capa desse dia faz algumas críticas ao atual governo e à presidenta Dilma Rousseff e traz algumas atualizações sobre a Copa das Confederações.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1923

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRISA FILHO

4401 01 • TERÇA-FEIRA, 18 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.707

EDIÇÃO SP/UF • CONCLUÍDA ÀS 08:36 • R\$ 3,00



Em Brasília, aos gritos de 'o Congresso é nosso', manifestantes quebrou cordão de isolamento da PR e invadem a loja da sede do Legislativo; segurança do Planalto foi reforçada

Milhares vão às ruas 'contra tudo'; grupos atingem palácios

★ MANIFESTAÇÃO É A MAIOR NO PAÍS DESDE O 'FORA, COLLOR' (1992) ★ EM SÃO PAULO, MAIS DE 65 MIL PESSOAS PROTESTAM, DIZ DATAFOLHA ★ CONGRESSO E SEDE DO GOVERNO PAULISTA SOFREM TENTATIVA DE INVASÃO



Cartazes das manifestações pelo país



Largo da Batata, local da concentração inicial dos manifestantes na capital paulista.

ATMOSFERA Coluna C11
Dois meses de calor em São Paulo.
Médica 010 - Notícias 010

RODÍZIO Coluna C11
Há 100 anos, o Brasil comemora
seu primeiro aniversário.

300.000 exemplares

Impressão e distribuição

www.folha.com.br

EDITORIAIS Opinião A2

Letu "Protestos e vaia", acerca de mudança no clima político brasileiro, e "O lá se move", sobre eleição de Sérgio Bolsonaro para a Presidência do país.

Centenas de milhares de pessoas foram às ruas em 12 capitais do país para protestar contra aumento das tarifas de transporte, corrupção, gastos da Copa do Mundo e para reivindicar a melhoria de serviços públicos, como saúde, educação e segurança, entre outras demandas. Políticos também foram alvos, como o presidente Dilma (PT), os governadores Alckmin (PSDB-SP) e Cabral (PMDB-RJ) e o prefeito Haddad (PT-SP).

Foi a maior onda de protestos políticos no país desde os caras-pintadas, em 1992, pelo impeachment do então presidente Collor.

A maioria das manifestações foi pacífica, mas houve vandalismo contra sedes do poder. Em São Paulo, um portão do Palácio dos Bandeirantes foi derrubado — a polícia impediu a invasão. No Rio, onde o protesto juntou 100 mil pessoas, um grupo atacou a Assembleia Legislativa. Em Brasília, militantes tomaram o teto do Congresso Nacional.

No capital paulista, o ato reuniu ao menos 65 mil pessoas, segundo o Datafolha. Dos participantes, 84% disseram não ter preferência partidária. Um novo protesto está marcado para hoje, às 17h, na Sé. **Coluna C2**

FERNANDO RODRIGUES

Desfecho do movimento é imprevisível

Coluna C2

Se tarifa do transporte fosse zero, valor do IPTU dobraria em SP

Coluna C2



Capa do dia 18/06/2013

A capa fica dividida entre as manifestações da noite passada e a revolta contra a Copa das Confederações e o governo federal, até agora, a com mais fotos, mas ao mesmo tempo, ao meu ver, uma das mais minimalistas. Encabeçando, uma

foto horizontal do momento em que os manifestantes ocupam o Congresso Federal em Brasília, a foto é distante e o que mais chama atenção são as sombras projetadas contra a parede branca, figuras compridas de pessoas com as mãos levantadas, num símbolo de vitória, “o Congresso é nosso”. Na legenda, é explicado que os indivíduos “quebram o cordão de isolamento” e “invadem” o Congresso. Logo abaixo, com letras grandes “Milhares vão às ruas “contra tudo” e algumas informações sobre os números da noite passada”. No centro, uma foto aérea do Largo da Batata, em São Paulo, mostrando o grande número de manifestantes presentes; à direita um texto trazendo mais dados, como a adesão dos movimentos em mais de 12 capitais do país e o surgimento de novas pautas, como a corrupção, os gastos com a Copa do Mundo e a falta de qualidade dos serviços públicos, como saúde e educação, Dilma, Alckmin, Haddad e Cabral foram alvo de reclamações mais específicas.

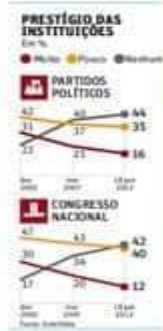
O texto segue contando que essa foi a maior amostra de manifestação desde os movimentos pelo impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, em 1992; e termina com o aviso de que um novo protesto foi marcado para o mesmo dia. Abaixo, vemos uma coluna de Fernando Rodrigues, “Desfecho do movimento é imprevisível”. Na margem esquerda, cartazes que foram usados nas manifestações ao redor do país, “*Não é só por 0,20*”, “*Somos filhos da revolução*”, “*Fifa Go Home*”, “*Fora Dilma, Fora Cabral, PT = Pilantragem e Traição*”, e o editorial “Protestos e vaias”. Com as duas margens, se cria uma narrativa sobre o atual momento político de desgosto e insatisfação, o que inicialmente era uma manifestação contra o acréscimo nas tarifas de transporte, se transforma numa crise governamental. A Folha monta sua narrativa de “contra tudo e todos e ao lado do povo”, aderindo a pautas que ela mesma já havia levantado - o desgosto com o governo está em quase todas as capas que vimos até agora, pelo menos alguma menção.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921 **UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL** folha.com.br
DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRAY FLEHO **ANO 92 • QUARTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2013 • Nº 36758** EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 18:22 • R\$ 3,00

Ato em SP tem ataque à prefeitura, saque e vandalismo; PM tarda a agir

Manifestação começa pacífica, com mais de 50 mil pessoas na praça da Sé, mas grupos levam caos à região central



Descrença de paulistano na política cresce, diz Datafolha

A descrença na política entre os moradores da cidade de São Paulo é a maior desde 2003, segundo pesquisa Datafolha realizada ontem. Há dez anos, 51% achavam que a Presidência tinha muito prestígio. Hoje, são 19%. A taxa dos que acham que o Congresso não tem nenhuma função caiu de 17% para 4%. A garantia dos que apoiaram os protestos pela cidade contra o reajuste da tarifa de ônibus pulou de 55% para 77% em cinco dias. **Contato C1**



Manifestantes entram em confronto com guardas municipais durante tentativa de invasão à Prefeitura de São Paulo



Van da Record é incendiada em frente à sede do governo paulista; encapuzado carrega TV saqueada no centro da cidade



Encapuzado carrega TV saqueada no centro da cidade

No sexto protesto em São Paulo contra a alta da tarifa de transporte, um grupo de manifestantes atacou no fim da tarde a sede da prefeitura, no centro — queixas motivadas evitaram a invasão do prédio. Integrantes do Movimento Passe Livre também tentaram causar agressões. O vandalismo se ampliou: um carro da TV Record foi queimado, bancos, destruídos, e lojas saqueadas. A PM demorou a agir, e a Tropia de Choque foi para a rua por volta das 20h. Forças policiais no centro e bônus de homens na rua Augusta. Segundo o governo paulista, a dispersão na ação foi para evitar que ativistas sem ligação com as depredações fossem feridos.

O ato contra a tarifa começou sem violência e reuniu mais de 50 mil pessoas na praça da Sé, segundo o Datafolha. A maior parte dos manifestantes seguiu para a sede da Prefeitura, onde o protesto foi pacífico até o fim da noite, quando houve depredações. Mas cedo, o prefeito Haddad (PT) admitiu sentir pesar a alta do ônibus, com custo do serviço público. Para o presidente Dilma, os atos "ultrapassaram os limites da manifestação das instituições, dos partidos, das entidades de classe e da mídia". **Contato C1**

'Estão entrando', dizia assessora de Haddad no ataque

"Estão entrando, estão entrando", repetia assessora de Haddad enquanto manifestantes tentavam invadir a prefeitura, avalia Mariana Bergamini. Outros o entrarem aumentavam a tensão. Secretários se reuniram numa sala de crise, com telões Roberto Porto (Segurança) cogitou retirar a vice-prefeita com helicóptero. **Contato C1**

JOÃO WAINER
Pessoas em fúria levaram televisões, notebooks e roupas. **Contato C1**

ANTÔNIO PRATA
Sejamos francos: ninguém está entendendo nada. **Contato C1**

folha na copa 21
Pacote de leis previsto para jogo entre Brasil e México

mundo 22
Telôno aceita incluir diálogo com EUA e governo aliados

poder 24
Candidato indicado por Fichas apoia projeto da 'vota gay'

palmeir 25
Potencial candidato, ministro Paulistá transfere título para SP

RODEIO **Contato C1**
Nada de novo em São Paulo
www.folha.com.br/rodio

EDITORIAL agosto 22
Letra "Incrédula nas ruas", sobre a onda de greves que torna diversas cidades do país e as incertezas relativas ao desenvolvimento do movimento.

ATMOSFERA **Contato C1**
O clima político nacional, política, economia, cultura, esporte e entretenimento.

FALE COM A FOLHA
Para saber mais sobre o conteúdo desta edição, entre em contato conosco em www.folha.com.br



Anos de tumulto, ao menos 50 mil pessoas se reuniram na praça da Sé em ato pacífico

Tucson Flex
A MELHOR COMPRA E O MAIOR ESPAÇO INTERNO DA CATEGORIA.

PORTA-MALAS DE 64 LITROS

VEJA O APLICATIVO

HYUNDAI | NEW THINKING. NEW POSSIBILITIES.

Capa do dia 19/06/2013

Após uma noite de protestos turbulentos, a capa do dia 19 reage à opinião popular, narrando os atos de vandalismo, roubo e invasão. No centro, uma foto do momento no qual os guardas municipais impedem a entrada dos manifestantes na

Prefeitura de São Paulo, abaixo, duas fotos pequenas: uma van que foi incendiada em frente à prefeitura e um indivíduo mascarado carregando uma televisão, fruto do saque que havia acontecido em algumas lojas da capital. A quarta foto da capa, logo abaixo dessas três, mostra a Praça da Sé antes do início das confusões, onde “50 mil pessoas” se reuniam, segundo a própria Folha. Emoldurando as fotos, na margem direita, um relato sobre as tentativas de invasão, cujo entretítulo carrega informações interessantes: “Manifestação começa pacífica, com mais de 50 mil pessoas na Praça da Sé, mas grupos levam caos a região central”, se no editorial do dia 13, para a Folha, havia “poucos manifestantes que parecem ter algo na cabeça”, agora há “grupos” de vândalos em meio a manifestantes pacíficos. Além dos atos - isolados - e violentos da noite passada, os outros dois assuntos presentes na capa são a descrença com a política e a confusão sobre as manifestações. À margem esquerda, pequenos gráficos indicam a queda da confiança dos paulistanos nos partidos políticos e no Congresso Nacional e abaixo a manchete que chama para uma matéria sobre o mesmo assunto. O editorial “Incógnita nas Ruas” e a coluna de Antonio Prata “Sejamos francos: ninguém está entendendo nada” evidenciam que os movimentos ainda continuam confusos para grande parte da sociedade, deixando-os, assim, como uma espécie de folha em branco.

4.2.3 As cinco propostas de Dilma Rousseff: 20 a 25 de junho

Como foi explorado no terceiro capítulo deste trabalho, a partir do dia 20 temos outra mudança de narrativa. Essa ocorre após o governo de São Paulo, num pronunciamento de Geraldo Alckmin e Fernando Haddad, informar que o acréscimo na tarifa seria revogado. Aqui se cria um vácuo de poder: o que antes eram protestos pedindo a supressão do aumento das passagens, agora se torna um movimento amorfo, “contra tudo e todos”, muito amplo e que poderia ser facilmente moldado pelo discurso, o que viria a consagrar os atos de junho na história contemporânea do país.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 114 • QUINTA-FEIRA, 20 DE JUNHO DE 2013 • Nº 20.758

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA À 01:22 • R\$ 3,00



À noite, cerca de 500 manifestantes, segundo estimativas da Polícia Militar, ocupam a av. Paulista em ato pacífico para comemorar a revogação do aumento do valor das passagens.

PROTESTOS DE RUA DERRUBAM TARIFAS

★ APÓS 13 DIAS, MANIFESTAÇÕES FORÇAM GOVERNOS DE SP E RIO A CANCELAR O REAJUSTE DOS TRANSPORTES
★ ALCKMIN (PSDB), HADDAD (PT) E PAES (PMDB) AFIRMAM QUE REDUÇÃO COMPROMETERÁ INVESTIMENTOS

GUSTAVO PATO

'Populismo' tarifário se perpetua e cria demandas sociais

Coluna 14

ELIANE SANTANHEDE

PT, PSDB e PMDB pendem 1ª batalha, mas guerra continua

Opinião 42

ROGÉRIO GENTILE

Com recuo, risco é ato de vandalismo virar método de negociação

Opinião 42

mercado aberto 42

Para ministro novo, atos de tráfico pedem encerramento no Brasil

folha na copa 21

Reparar beirões, e selar de terror México por 2.º em Fortaleza

ENTREVISTA 42

Leia "Vitória das ruas", sobre redução das tarifas de transportes públicos, e "Projeto Incentivos", acerca de proposta que legaliza a chamada "crua gay".



Em 19 de junho, milhares que assistiu a Brasil a Pierre em vídeo no vale do Anhangabaú via o governador Alckmin e o prefeito Haddad durante anúncio da redução do preço das tarifas

321.227 exemplares impressos e digitais

KODIÃO

Mais de 100 mil unidades e mais de 1 milhão de downloads

7.8

ATMOSFERA

Chuva e frio no norte paulista. Menos de 10°C. Máximo 20°C.

Após 13 dias de protestos em que centenas de milhares de pessoas foram às ruas, os governos de São Paulo e Rio de Janeiro recusaram e cancelaram o aumento das tarifas dos transportes. Presionados pelos atos — pacíficos em sua maioria, mas com episódios de violência de manifestantes e policiais —, o governador Geraldo Alckmin (PSDB-SP) e os prefeitos Fernando Haddad (PT-SP) e Eduardo Paes (PMDB-RJ) disseram que a medida forçou cortes de investimentos públicos.

Em São Paulo, o valor da passagem de ônibus, metrô e trem cairá de R\$ 3,20 para R\$ 2,75 a partir de segunda. A medida foi celebrada na av. Paulista. No Rio, o ônibus irá de R\$ 2,95 para R\$ 2,75 — o governo Sérgio Cabral (PMDB) também cortou tarifas de metrô, trem e barca.

Antes dos anúncios, manifestantes protestaram em Fortaleza, no Ceará, onde a polícia jogou gás lacrimogêneo com a polícia, e 18 pessoas ficaram feridas. Em São Paulo, atos bloquearam cinco rodovias ao longo do dia. No Rio, protesto fechou a ponte Rio-Niterói. Há manifestações previstas para hoje em 90 cidades — em São Paulo, começará às 17h na av. Paulista. **Continua**

Pierre, 20, aluno de arquitetura, atacou prefeitura

Pierre de Oliveira, 20, um dos manifestantes do ataque à prefeitura, se entregou à polícia. Aluno de arquitetura da FUMEC e adepto do Jiu-Jitsu, ele se desculpou: "Quem nunca errou que atire a primeira pedra." **Coluna C11**

Movimento Passe Livre agora quer transporte gratuito

O Movimento Passe Livre, que liderou as manifestações, agora lutará pela tarifa zero e por pautas como "as reformas agilizem e tenham o caráter de luta popular", disse Mayara Viviani, integrante do grupo. **Coluna E5**



Capa do dia 20/06/2013

No dia 19, o governo de São Paulo volta atrás e afirma que o acréscimo na tarifa seria revogado. Assim, à noite, acontece um novo ato, agora para comemorar a vitória e anunciar novas pautas de luta. "Protestos de rua derrubam tarifas", com corpo 100, ocupando duas linhas, um fato quase inédito para Folha¹⁷, sendo essa,

¹⁷ Tendo acontecido antes, somente com notícias relacionadas ao Papa Francisco e ao presidente Obama, ambos com corpo 70.

possivelmente, a maior capa da história do jornal; seguida de um texto que conta, brevemente, sobre os 13 dias de protestos.

Abaixo, duas notícias sobre os atos: “Pierre, 20, aluno de arquitetura, atacou prefeitura” e “Movimento Passe Livre agora quer transporte gratuito”; a primeira elucida um aspecto interessante: humaniza àqueles que cometeram delitos. É uma prática jornalística um tanto comum, porém muito problemática. Há a “humanização” do indivíduo, se contam histórias de vida e detalhes pessoais, para se criar um vínculo e se perdoar o delito; no caso de estupro *People vs Turner*¹⁸ (Estados Unidos, 2016), os jornais foram altamente criticados por se referirem ao estuprador - após o mesmo ser condenado - como “estudante e ex-nadador de Stanford (renomada universidade da Califórnia)”.

Essa reportagem em especial, mostra uma tentativa de “aliviar” a opinião pública a respeito da tentativa de invasão à Prefeitura da cidade, mostrando que os participantes do ato não passam de cidadãos comuns. A segunda notícia insere um entendimento de continuidade aos atos, sendo o próximo passo a luta por um transporte público inteiramente gratuito.

Na margem esquerda, os atos como estopim para “demandas sociais” e abaixo duas colunas de opinião, uma indicando que os partidos políticos haviam perdido a “batalha”, mas não a guerra e a segunda “Com recuo, risco é ato de vandalismo virar método de negociação” mostrando a insatisfação com a falta de ação policial. O editorial do dia também comemora e dá poder às ruas “Vitórias das ruas”. Há duas fotos: a primeira e maior encabeça a página e mostra as comemorações após o anúncio, pessoas na rua com cartazes que já anunciavam as próximas pautas “Futebol que nada, acabou a palhaçada”, “O importante não é vencer todos os dias, mas lutar sempre!” e ao fundo, do lado esquerdo, uma bandeira do Brasil. A segunda foto, no centro da página, mostra o momento em que Alckmin e Haddad anunciam, em meio a vaias, o cancelamento do acréscimo.

¹⁸ Em 2016, Brock Allen Turner foi julgado e condenado após estupro uma mulher inconsciente. Aqui o link para mais informações: <https://exame.abril.com.br/mundo/abuso-sexual-na-universidade-de-stanford-gera-indignacao/>

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921 folha.com.br
 UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
 DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO ERAS FILHO ANO 91 • SEXTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 2013 • Nº 10.790 EDIÇÃO SP/DF • CIRCULAÇÃO 3.086A • R\$ 3,00



Manifestantes em frente ao Congresso, em Brasília, correm após polícia lança bombas de gás para dispersar multidão; 55 ficaram feridos e 3 foram detidos em protesto na capital

Protestos violentos se espalham e confrontos atingem 13 capitais

★ MAIS DE 1 MILHÃO DE PESSOAS VÃO ÀS RUAS PELO PAÍS ★ EM BRASÍLIA, MINISTÉRIOS E BANCO CENTRAL SOFREM DEPREDações ★ MANIFESTANTE MORRE EM RIBEIRÃO PRETO (SP)

Mesmo depois da redução das tarifas de transporte público pelo país, mais de 1 milhão de pessoas voltaram a ocupar as ruas em centos de com cidades. No 14º dia de manifestações, o cenário de violência e vandalismo foram registrados em 13 das 25 capitais que tiveram protestos. Houve novos confrontos entre manifestantes e a polícia, ataques a prédios públicos e depredações.

Em Brasília, um grupo quebrou vidros do Palácio Itamaraty, sede do Ministério das Relações Exteriores, e houve princípio de incêndio. Dois ministérios foram pilhados, e o BC teve vidraça danificada. Ao menos 55 pessoas foram feridas. Outras oito capitais registraram ataques a prédios públicos. No Rio, ato que reuniu 300 mil pessoas, segundo a PM, terminou com 62 feridos.

Um manifestante morreu e outros três foram atropelados em Ribeirão Preto (SP) durante um protesto. Para dirigentes da Fila, que promove a Copa das Confederações, o cenário no Brasil é muito pior do que o imaginado. Outros dois milhões usaram pela entidade ficaram apedrejados na Bahia. **Continuação C1 e Fala na Casa B1**
 Estatista voluntária atende ao Placental em um consultório de Botum e Fátima C2

Em SP, multidão grita 'fora, partidos' e petistas deixam ato

Militantes de partidos como PT, PSOL e PSTU e do Movimento Passe Livre foram hostilizados na Avenida Paulista no protesto de ontem. A multidão gritava "fora, partidos, vocês querem o poder dividido". Os petistas, o maior grupo, deixaram o ato. **Ao todo, mais de 100 mil se reúnem na avenida, segundo o Datafolha. Continuação C1**



De cabeça, manifestante agrediu militantes do PT na Paulista



Vítima de atropelamento é atendida em Ribeirão Preto (SP)

Dilma desiste de viagens e convoca reunião de cúpula

A presidente Dilma Rousseff cancelou viagens ao Japão e a Alemanha e convocou para esta manhã uma reunião de emergência com sua equipe para avaliar a situação do país. Na reunião, Dilma fará um balanço dos protestos. Assessorios dizem que o governo está "perplexo" com o aumento das manifestações. **Continuação C1**

FERNANDO RODRIGUES: Silêncio do Placental sintetiza falta de liderança de políticos

Continuação C2

ELIENE CANTANHEDE: As ruas do Brasil estão em chamas; a coisa desandou

Opinião A2

PODERAR: STF libera votação de projeto que tribuna relação de partidos

Continuação C1

Desvalorização do real é a maior entre as principais moedas do mundo
Mercado B1

FALTE COM A FOLHA
 Serviço de atendimento ao leitor
 0800-0110000

ATMOSFERA Continuação C14
 Tempo ideal na capital paulista
 Manhã: 18°C, Máxima: 25°C

EDITORIAIS Segundo A2
 Letra "B" para momentânea, a respeito de desvalorização do dólar, e "Além da linha vermelha", acerca de uso de armas químicas pelo regime sírio.

RODÍZIO Continuação C14
 Não deve chegar ao Brasil
9,0

Tucson Flex
 A MELHOR COMPRA E O MAIOR ESPAÇO INTERNO DA CATEGORIA.
 PORTA-MALAS DE 644 LITROS
 VEJA NA PÁGINA 5

Capa do dia 21/06/2013

A capa foi praticamente inteira dedicada à evolução dos protestos e à situação política do país. A maior das fotos, encabeçando a página, mostra manifestantes fugindo enquanto a polícia lança bombas de gás em frente ao Congresso. As duas imagens menores mostram dois cenários: a primeira, à direita, ilustra a notícia "Em SP, multidão grita "fora, partidos" e petistas deixam ato" e a segunda mostra uma vítima de atropelamento esperando ser socorrida. Do outro lado das imagens, notícias políticas: o cancelamento das viagens da presidenta

Dilma Rousseff, que convocou uma reunião de cúpula e, abaixo, uma coluna de Fernando Rodrigues, "Silêncio no Planalto sintetiza falta de liderança de políticos". Se junta a isso com a notícia da morte de um manifestante em Ribeirão Preto (SP), e a manchete "As ruas do Brasil estão em chamas, a coisa desandou" e se instaura um clima de insegurança e ausência de um poder central, como se o governo, estadual e federal, já não estivessem mais aptos para suprir os movimentos que agora estavam ficando violentos.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921 folha.com.br
 UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
 DIRETOR DE REDAÇÃO: JIYAVI FREAS FILHO SÁBADO, 22 DE JUNHO DE 2013 EDIÇÃO SP/DF • CIRCULADA A DIÁRIA • R\$ 3,00

DATAFOLHA
 Um grupo de manifestantes da Paulista votaria? (Página 2) **10**
 Manifestantes da av. Paulista apoiam Barbosa e democracia (Página 2) **11**
 Principais acessos a aeroportos em SP são bloqueados (Página 2) **11**
 FOLHINHA (Página 2) **11**
 ILUSTRADA (Página 2) **11**
 Portugal Telecom e Oi negociam acordo para unir as companhias (Página 2) **11**
 AMÔNIA (Página 2) **11**
 FALA COM A FOLHA (Página 2) **11**
 EDITORIAS (Página 2) **11**

Dilma promete ouvir 'voz das ruas' e coibir 'arruaça'

Na TV, presidente diz que receberá ativistas e propõe pacto político para melhorar serviços públicos



Passageiros vão a pé ao aeroporto de Curitiba, após protestos fecharem rotativas de acesso

Em reação à onda de protestos no país, a presidente Dilma (PT) disse em discurso na TV que vai receber os líderes das manifestações pacíficas e coibir a "arruaça". Ela promete ouvir com presidentes de outros Estados, governadores e prefeitos um pacto para a melhoria de serviços públicos, que inclua a reforma do transporte coletivo, o repasse da receita de royalties do petróleo para educação e o aumento do número de médicos estrangeiros no SUS.

Dilma defendeu ainda "a construção de uma ampla e profunda reforma política". Ela confirmou a realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil e disse que os jogos com arenas serão pagos por Estados e empresas responsáveis pelos projetos.

A presidente chegou à TV após reunião emergencial com a cúpula do governo.

Pesquisa Datafolha realizada antes do discurso mostra que 59% dos paulistas avaliaram como ruim ou péssima a atuação de Dilma nos protestos. **Coluna 11**

Manifestantes da av. Paulista apoiam Barbosa e democracia

Com 50%, o presidente do STF, Joaquim Barbosa, é o favorito à Presidência entre os manifestantes que estavam na av. Paulista anteriormente, segundo pesquisa Datafolha com 551 pessoas.

A maioria absoluta dos entrevistados, 85%, declarou ser favorável à democracia. Dentre os participantes, 67% eram jovens entre 23 e 35 anos e 72% afirmaram não ter partido. **Coluna 11**

Principais acessos a aeroportos em SP são bloqueados

Os principais acessos aos aeroportos de Guarulhos e Congonhas foram bloqueados por causa de manifestações, e 11 rotativas de São Paulo sofreram interrupções.

Em Curitiba, passageiros caminharam até 9 km para tentar pegar seus voos.

Na Barra da Tijoca (Rio), moradores de favelas saquearam lojas. **Coluna 11 e 12**

IGOR GELDMAN
 Promessas são mínima volta para novos quadros. **Coluna 12**

ANDRÉ JUNGER
 É preciso revitalizar as instituições, não destruí-las. **Coluna 12**

MARCELO COELHO
 Sem rota política, teremos paralisa ou selvageria. **Coluna 12**

ALEXANDRE VIDAL PINTO
 Jovens acreditaram que país tinha virado potência. **Mundo 2, pag. 6**

Após anunciar fim de atos, Passe Livre volta atrás

O Movimento Passe Livre, líder dos protestos em São Paulo, anunciou na manhã de ontem a suspensão de manifestações. A noite, porém, o grupo recuou e prometeu novos atos. A lista foi divulgada quando ocorreu reunião entre movimentos sociais e partidos de esquerda hostilizados em protesto na av. Paulista. **Coluna 11**

O problema é do Brasil, não da Fifa, diz Jérôme Valcke

A Fifa, que promove a Copa das Confederações, diz não ter planos de mudar o cronograma do torneio, mas critica a atuação do governo. "O Brasil tem que resolver o problema. Desculpe, mas não é um problema da Fifa", disse Jérôme Valcke, secretário-geral da entidade. Brasil e Itália jogam às 16h, em Salvador. **Bola na Copa 12**

FOLHINHA
 Juntos, pais e filhos vão aos atos e tentam entendê-los. **11**

ILUSTRADA
 Inimigos de HITLER
 Livro resgata a história do jornal 'Münchener Post', o maior opositor do líder nazista. **11**



Mascarados queimam entulho em Nova Iguaçu (Bairrada Fluminense), na Barra da Tijoca, no Rio, lojas foram saqueadas

Portugal Telecom e Oi negociam acordo para unir as companhias
 Mercado 11

AMÔNIA **Coluna 11**
 Choro duro e riso em São Paulo.
 Música (PT) **Mundo 12**

FALA COM A FOLHA
 Não deixe de ler o conteúdo de notícias no aplicativo de celular ou no site. **Coluna 11**

EDITORIAS **Coluna 12**
 Letra "Destruir São Paulo", a respeito de investimentos necessários para melhorar o sistema de transporte público e aliviar o trânsito da cidade.

COLOCADO
 A MELHOR COMIDA DA CATEGORIA

TUCSON

HYUNDAI NEW THINKING. NEW POSSIBILITIES.

VEJA NAS PÁGINAS 5, 6 E 7.

Capa do dia 22/06/2013

A capa do dia 22 segue a mesma linha da do dia anterior, combinando insatisfações com uma aparente incapacidade do governo de lidar com as mesmas, a rejeição social dos partidos políticos. “Dilma promete ouvir “voz das ruas” e coibir “arruaça” e de subtítulo, o que realmente traz informações pertinentes, “presidente diz que receberá ativistas e propõe pacto político para melhorar serviços públicos”.

Na margem direita, há um texto acompanhando a notícia principal e, diretamente abaixo dele, quatro colunas em sequência: “Promessas são música velha para novos ouvintes”, “É preciso revitalizar as instituições, não destruí-las”, “Sem rota política, teremos paralisia ou selvageria” e “Jovens acreditaram que país tinha virado potência”, do outro lado da página, na seção Folhinha, “Juntos, pais e filhos vão aos atos e tentam entendê-los”; criando uma narrativa de que ninguém sabe o que está acontecendo, mas sabemos que o governo não é capaz de lidar com isto. Acima da Folhinha, notícias sobre o bloqueio das principais vias de acesso ao aeroporto de São Paulo, devido às manifestações e, acima, “Manifestantes da av. Paulista apoiam [presidente do STF, Joaquim] Barbosa e democracia”, dialogando com isso, temos uma pesquisa exposta através de um gráfico, mostrando que, entre Dilma Rousseff, Aécio Neves, Marina Silva e Eduardo Campos, Joaquim Barbosa seria o mais votado pelos participantes dos movimentos na Paulista.

As duas fotos da capa mostram passageiros caminhando pelas vias de acesso ao aeroporto, indo pegar seus voos a pé; e a outra, mostra manifestantes saqueando lojas e causando incêndios no Rio de Janeiro.

A combinação de notícias, a escolha de palavras e a disposição da capa forma uma narrativa de caos e impossibilidade de controle por parte do governo, ao mesmo tempo em que legitima os atos, ao deixar claro que defende a democracia e que aqueles movimentos seriam, portanto, benéficos para a sociedade.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1922

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: CÉLIO FARIAS FILHO

640 PÁG. • DOMINGO, 23 DE JUNHO DE 2013 • R\$ 10,90

EDIÇÃO SÃO PAULO • CONCLUÍDA ÀS 22H00 • VE 320

TV FOLHA • São Paulo • ILUSTRADA • MAIS VIVA

A SEMANA em que o Brasil ARDEU

Ativistas e acadêmicos comparam atos em SP, Espanha e EUA **Intervista pág. 4**

Estética da manifestação vai de marca denisque ao "curtir" das redes **Ilustração pág. 11**

Movimento cancela violência, afirma professora de direito da USP **Intervista pág. 4**

Confira o que mudou nos protestos do país nas últimas décadas **Coluna pág. 26**

TV CULTURA EPOR, repórter do Zim

INTERVIEW Acompanhe pelo site de Folha a parte UOL

Congressos, na quinta-feira

Estaleiro de Eike Batista dá calote e tenta evitar falência

A OAS, estaleiro de Eike Batista, deu calote em ao menos um fornecedor e é pressionada por bancos a honrar ou renegociar R\$ 2 bilhões em dívidas de curto prazo, informa Raquel Landim.

A empresa decidiu de pagar cerca de R\$ 500 milhões à construtora espanhola Acciona. Advogados de Eike tentam evitar a recuperação judicial ou até a falência da empresa. A OAS diz que o caso é confidencial. **Mercado pág. 11**

Para responder a protestos, Dilma resgata 'faxina'

A presidente Dilma tentará responder aos protestos pelo país sem silêncio em caixa para anunciar novos investimentos. Com a falta de recursos, Dilma tentará resgatar a imagem de que é mizantropista com a corrupção em seu governo. **Política pág. 4**

ELIO GASPARI

Barbessa pode vir a ser a peça que fecha o quebra-cabeças.

Política pág. 10

EDITORIAIS

Leia "Mensagem bem-vinda", a respeito do pronunciamento de Dilma sobre os protestos, e "Mensagem conquistada", acerca de nova lei para o setor.

FOLHA NA COPA

famiglia SCOLARI

Brasil faz 4 a 2 na Itália e passa em 19ª semifinal

Política pág. 11

Perfuma e Siqueira tentam frear

COTIDIANO 2

"Bunda-pintada" que ficou nua contra FHC volta vestida

Política pág. 4

MÔNICA BERGAMO

Silvia Santos diz não vender boteiro religioso pois SBT é "casa pública"

Política pág. 10

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

SILVIA SANTOS em cabedreiro de TV

CARLA DOS SANTOS, 33, com foto de um protesto em 2001

Maioria dos paulistanos defende mais atos nas ruas

Em Belo Horizonte, confronto próximo ao estádio do Mineirão deixa 19 feridos

Dota a cada três moradores da cidade de São Paulo aprovam a continuidade das manifestações, mesmo depois da redução das tarifas de transporte público, aponta pesquisa Datafolha.

Das 606 pessoas ouvidas na sexta pelo instituto, 72% apoiam protestos na Paulista —entret, 30 mil foram à assembleia contra a PEC 37—, 68% condenam a atuação de policiais públicos e 43% acham a PM muito violenta.

Além de São Paulo, outras nove capitais registraram protestos. No país, o número de atos diminuiu em relação aos últimos dias.

Em Belo Horizonte houve choques entre policiais e parte dos 60 mil manifestantes que rumaram do centro da cidade em direção ao Mineirão. O estádio recebeu jogadores e México pela Copa das Confederações. Na confusão, 19 ficaram feridos, a com gravidade. **Coluna pág. 2**

Investigação vê desvios em receita de tarifa de ônibus de SP

Uma investigação do Ministério Público aponta indícios de desvio da receita gerada pela tarifa em empresas de ônibus em São Paulo.

O Bico é o Consórcio Leste A, que atua na zona leste, onde está o serviço de pior qualidade, segundo a SPTrans.

O advogado do consórcio diz que as acusações são infundadas. **Coluna pág. 1**

ANÁLISE ALENCAR EZZIDIO: Licitação para novas viagens traz chance de mudança

É preciso apostar em corredores de ônibus, opção mais barata e factível. A licitação pela tarifa de SP que selecionará novas viagens é a chance para avaliar contratos com novos parâmetros de qualidade. **Coluna pág. 1**

MUNDO A23

EUA pedem extradição de detentor de espionagem

DA LÍNGUA, assembléias diplomáticas e diplomacia

DA LÍNGUA, assembléias diplomáticas e diplomacia

DA LÍNGUA, assembléias diplomáticas e diplomacia

ATMOSFERA, entrevistas e comentários

VEJA MAIS NAS PÁGINAS 5, 6 E 7

Tucson

1º

COLOCADO. A MELHOR COMPRA DA CATEGORIA.

Capa do dia 23/06/2013

Similar à capa do dia 16, a do dia 23 traz uma seção para os protestos, intitulada "A semana em que o Brasil ardeu" - a anterior trazia o mesmo título, com o detalhe de que ao invés de Brasil, era São paulo, a troca sinaliza o avanço nacional dos protestos e sua complicação à nível federal. A seção ilustrativa traz comentários de acadêmicos, ativistas e professores da área, assim como um mapeamento de protestos internacionais e um pouco sobre o passado brasileiro de manifestações de

rua; a foto que ilustra essa seção é a única que tem relação com o tema dos atos, a tropa de choque caminhando em frente ao Planalto, muito parecida com a foto da capa do dia 18. À direita, “Maioria dos paulistanos defende mais atos nas ruas” e um pouco abaixo, uma notícia interessante, sobre um possível desvio em receita das tarifas de ônibus de São Paulo.

Do outro lado, na margem esquerda, o nome de Joaquim Barbosa volta a aparecer “pode vir a ser a peça que fecha o quebra-cabeça” e, acima dela, uma notícia sobre como a presidente, aparentemente sem dinheiro em caixa, teria que satisfazer as demandas do povo sem fazer novos investimento, reforçando a mesma narrativa de necessidade de novos governos, novos modos de resolver os problemas, quase como uma instabilidade federal fabricada.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921 ★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL folha.com.br
 DIRETOR DE REDAÇÃO: ITAVY FRIAS FILHO 4402 11 **SEGUNDA-FEIRA, 24 DE JUNHO DE 2013** R\$ 2,00 EDIÇÃO SP/DF • CONDIÇÃO A BOM • R\$ 2,00

Já em Moscou, delator da CIA solicita asilo ao Equador

Edward Snowden, ex-técnico da CIA que vazou documentos sobre espionagem de telefones e internet pelo governo dos EUA, partiu de Hong Kong para a Rússia. Com passaporte revogado, ficou em setor de trânsito no aeroporto de Moscou. O governo do Equador afirma que Snowden pediu asilo ao país. Para a Casa Branca, o fugitivo só pode viajar legalmente de volta para os EUA. **Mundo 47**

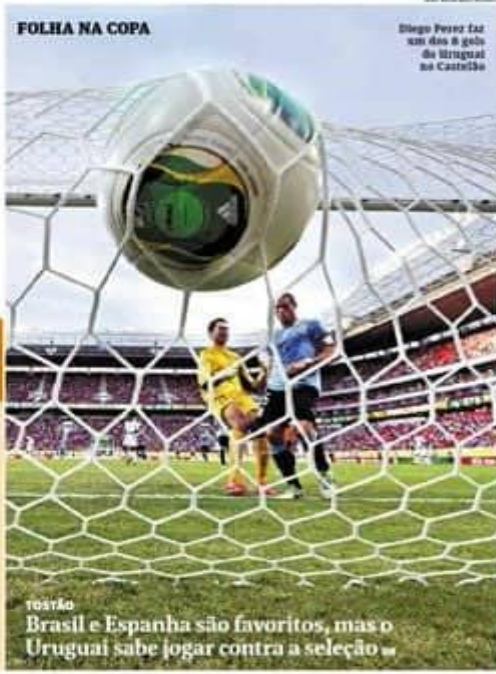
Brasil enfrenta Uruguai pela semi na quarta-feira

ONTEN
 Uruguay 0 x 3 Espanha
 Uruguay 0 x 0 Itália

SEMPINAIS
 Brasil
 Uruguai

FINAL
 Espanha
 Itália

3ª Edição



FOLHA NA COPA
 Diego Forlán faz um dos 8 gols da Uruguai no Castiño
 TOSTÃO
 Brasil e Espanha são favoritos, mas o Uruguai sabe jogar contra a seleção

Dilma inicia pela saúde plano para estancar atos

Presidente anuncia medidas para o setor e recebe lideranças do MPL

Como reflexo das manifestações pelo país, a presidente Dilma Rousseff recebeu os 27 governadores e os 26 prefeitos de capitais para tentar fechar um pacote de medidas em saúde, educação e mobilidade urbana. O governo vai anunciar a criação de mais 2.000 vagas para médicos-residentes e um plano de construção de hospital e compra de equipamentos hospitalares. Dilma vai recuar de parte em sigilo gastos de viagens internacionais da Presidência, informa o Palácio.

ENTREVISTA DA 2ª LINDEIRUGI FARIAS
PT se descolou da sociedade e da juventude

A presidente também vai receber hoje líderes do MPL (Movimento Passe Livre). O Planalto avalia que, se não houver medidas concretas nos próximos dias, as manifestações vão continuar. A pressa está relacionada a pesquisas reservadas de partidos aliados que já registram novas quedas na aprovação do governo. O último levantamento do Datafolha, realizado antes da nacionalização dos protestos, mostrou uma queda de oito pontos na popularidade da presidente. **Folha 44**

Grupo faz reunião e reforça campanha pela tarifa zero

O Movimento Passe Livre retomou sua campanha de coleta de assinaturas para um projeto de lei que prevê a implantação do transporte gratuito em São Paulo. O projeto precisa ter o apoio de 5% do eleitorado do município, cerca de 430 mil, antes de ir à Câmara. **Campanha 13**

Consórcio de BCs pede mais austeridade e mais reformas

O BIS, consórcio dos principais bancos centrais, avalia que a economia global está diante de um desafio: desativar as políticas expansionistas de estímulo contra a crise de 2008, cujo impacto muitas vezes supera. Em relatório, o BIS sugere que a injeção de recursos fez com que os governos ressassem no controle dos gastos e em reformas, como a flexibilização do mercado de trabalho. **Mercado 88**

Mandela está em estado 'crítico', diz África do Sul

O estado de saúde do líder anti-apartheid e ex-presidente da África do Sul Nelson Mandela, 94, e "crítico", afirma comunicado do governo. Mandela foi levado ao hospital para um tratamento de pneumonia no último dia de seu aniversário e internado desde então. **Mundo 48**



Participantes de palestra organizada pelo Movimento Passe Livre, na Vila Madalena, para discutir seus próximos atos

Movimento atual é um primo pobre de Maio de 1968

O novo movimento de manifestação da crise mundial da democracia representativa. A saída é construir mecanismos de participação aberta. Mas envolver o que é melhor que um sistema eleitoral e corrupto se reformar sem povoado popular. **Mundo 48**

Clima político pode adiar reajuste de pedágio em SP

Colômbia 13

RODÍZIO **Colômbia 12**
 Não é mais possível pagar com plano rodízio até 1,2

21.326 eleitores



NO MEIO DO CAMINHO Katana de Drummond recebe máscara durante protesto no Rio, rua do governador Sérgio Cabral vira ponto de encontro de manifestantes **Colômbia 13**

TEC
 Cientistas apontam novos usos para os drones

FOLHAINVEST
 Dólar deixa férias no exterior 16% mais caras

A cada US\$ 1.000, são gastos até R\$ 167
US\$ 3,00 **US\$ 63,00**

ATMOSFERA **Colômbia 12**
 Chover 3 vezes na Grande São Paulo

FALE COM A FOLHA

EDITORIAIS **Colômbia 12**

Leis "Protesto e contrato", sobre limite à política social imposto pelas cortes políticas, e "Modernizar os cartórios", acerca de proposta para setor.

Capa do dia 24/06/2013
 “Dilma inicia pela saúde plana para estancar atos”, como resposta às manifestações que haviam tomado o Brasil. Abaixo, uma entrevista sobre o Partido dos Trabalhadores, “PT se deslocou da sociedade e da juventude”, expondo a contradição entre uma presidenta que tenta sanar as necessidades do povo e de seu

partido, que agora era visto como deslocado e desinformado. Na descida da margem direita, outras notícias e comentários sobre a continuidade do movimento e suas características: "Movimento atual é um primo pobre de Maio de 1968", afirmando que o que nos passava era uma crise da democracia representativa, movimento mundial, e que uma reforma para a participação direta era necessária, reforçando a mesma mensagem de necessidade de mudança, narrativa que terá reverberações nacionais até os dias de hoje.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921 **UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL** folha.com.br
DIRETOR DE REDAÇÃO: OTÁVIO BRAGA FILHO otavio@folha.com.br **TERÇA-FEIRA, 25 DE JUNHO DE 2013** EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 22H18 • R\$ 2,00

- OS CINCO 'PACTOS'**
- Reforma política** Realizar plebiscito para avaliar se há necessidade de reforma política e a criar novas leis contra a corrupção
 - Responsabilidade Fiscal** Como fazer para garantir a estabilidade da economia e conter a inflação
 - Saúde** Avaliar investimentos, desde hospitais filantrópicos a planos médicos estrangeiros
 - Transportes** Ampliar a desoneração de PIS/Cofins sobre combustíveis
 - Educação** Definir 300% dos recursos do orçamento público para educação

Dilma sugere plebiscito para reformar a política

Plano da presidente, em reação a protestos, é criticado por ministros do STF e pela oposição

A presidente Dilma propõe um plebiscito sobre a continuação de assembleia constituinte voltada exclusivamente para a reforma política. A medida foi feita em encontro com governadores e prefeitos para responder à onda de protestos pelo país.

Dilma apresentou cinco "pactos em favor do Brasil", que incluem, além da proposta do plebiscito, medidas como transformar a corteção em crise hospitalar, investir R\$ 50 bilhões em estabilidade inflação e contratar médicos estrangeiros.

Ministros do STF dizem que não é possível formar uma constituinte para a reforma política porque a forma política precisa ser aprovada pelo Congresso, segundo o artigo 60, § 4º, da Constituição.

Já a oposição acusa a presidente de tentar atropelar o Poder Legislativo. "Ela está usando o Congresso para fazer o que ela quer", diz o líder da oposição no Senado, senador Aécio Neves (PSDB).

Outros, Dilma também se reuniu com membros do Movimento Passe Livre, que discutiram após o encontro que a Presidência é "despreparada" para discutir o transporte público.



▲ A VOZ DAS BILAS Pela manhã, a presidente Dilma e o ministro Gilberto Carvalho (ao centro) receberam representantes do Movimento Passe Livre

PALEI
Ministro da Justiça procurou FHC para apresentar pacto

Antes de Dilma sugerir o plebiscito, o ministro José Eduardo Cardozo (Justiça) foi ao encontro do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso para propor pacto com a oposição sobre a reforma política. FHC disse que não se oporia a plebiscito sobre o tema. **Folha A3**



▲ A VOZ DOS GABINETES A tarde, Dilma fez reunião com governadores, prefeitos e ministros em que propôs pactos para responder à onda de protestos

Alckmin agora cancela reajuste de 6,5% dos pedágios de SP

Em reação à onda de protestos pelo país, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), cancelou o aumento anual dos pedágios estaduais, que deveriam ficar 6,5% mais caro em Pádua. O Estado detentará de arrecadar R\$ 400 milhões.

No Paraná, a gestão Rato Hirtz (PSDB) decidiu suspender reajuste de 34,6% na tarifa de luz. **Coluna C3**

No mês que se inicia, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), cancelou o aumento anual dos pedágios estaduais, que deveriam ficar 6,5% mais caro em Pádua. O Estado detentará de arrecadar R\$ 400 milhões.

CPI nos transportes seria usada para achacar, diz petista

O secretário de Transportes da cidade de São Paulo, Elton Terto (PT), disse que uma CPI na Câmara para investigar o setor seria usada para achacar empresários. Há hoje dois pedidos de investigação sobre o assunto. Integrantes da oposição criticaram Terto. **Coluna C7**

EUA pressionam Rússia a entregar delator sumido

Os EUA acreditam que Edward Snowden, ex-analista da CIA que revelou segredos de espionagem do governo americano, está na Rússia e pressionaram o país para extraditá-lo. Snowden tinha uma passagem aérea de Moscou para Havana enviada em seu nome, mas não embarcou no voo. **Brasil A1A**

Silvio Berlusconi é condenado à prisão por sexo com menor

O ex-primeministro da Itália Silvio Berlusconi, 76, foi condenado a sete meses de prisão e multa de 1 milhão de euros por prostituição juvenil e abuso de poder. Segundo o tribunal, ele fez sexo com uma jovem menor de idade, de 17 anos, conhecida como Ruby. Berlusconi, que afirmou ser "absolutamente inocente", deve recorrer. **Brasil A1A**

EQUILÍBRIO
Best-seller propõe dieta que controla calorias só dois dias na semana **C11**

Em New York, Elmas
Governo chinês move 250 milhões de pessoas para cidades novas **Paq. 1**

ILUSTRADA
Trailers ganham força na internet e perdem espaço nos cinemas **C11**



▲ ALEGRIA EM FÉSTIVAS Homem festeja deposição de Dilma durante paralização de rodovias em Brasília. Porto Alegre e Teresina também tiveram conflitos **Coluna C5**

ROUBIDIO Coluna C2
Mito de novo canal entre São Paulo e Rio de Janeiro **3,4**

ATMOSFERA Coluna C2
Chuva e frio afetam festa no Lapa **3**
Música jazz, Niterói SP

EDITORIAIS Coluna A2
Leta "CPI dos ônibus"
Acusa de investigação de empresários sobre São Paulo, e "A oferta do Talehan", sobre negociações de paz no Afeganistão.

Fuzileiro naval estava em ataque ao Itamaraty na semana passada

Coluna C8

Rota vai ao interior de São Paulo após ameaça de atentado

Cerca de 80 homens da Rota, grupo de elite da Polícia Militar, foram enviados à região de Presidente Prudente (SP). Informam Afonso Benites e Isomar Jorini. Segundo investigação, autoridades policiais sobre atentados ligados ao PCC. A cúpula da facção está em perdas da região. **Coluna C8**

Capa do dia 25/06/2013
A principal notícia da capa são as reuniões que a presidenta Dilma Rousseff teve no dia 24. Como ilustrado nas fotos, pela manhã se reuniu com membros do

Movimento Passe Livre, e à tarde com governadores, prefeitos e ministros, para os quais apresentou seus cinco pactos, formulados a partir dos pedidos feitos durante os atos. “Dilma sugere plebiscito para reformar a política”, o subtítulo expõe as críticas internas, dos Ministros, que não concordaram com as propostas e externas, da oposição descontente com os pactos, como o painel abaixo mostra, com as críticas do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. À esquerda, uma pequena ilustração que mostra o que seriam esses cinco pactos - reforma política, responsabilidade fiscal, saúde, transporte e educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Os homens buscam seus interesses” (LIPPMANN, 1922) e isso é visível nas capas analisadas. Não que tenha sido um plano desde o início, desde as primeiras manifestações, mas houve sim, uma narrativa que determinou quem teria e qual seria o discurso dominante. A partir da dispersão de pautas que se apresentou no período final dos atos, novas pautas foram introduzidas e novos interesses foram implantados, planos e visões de sociedade foram defendidos pela Folha de S. Paulo ao tratar a informação, organizar suas capas, escrever suas notícias e ao escolher o que merecia ganhar visibilidade, a realidade aqui nunca foi um espelho, foi uma construção (CHARAUDEAU, 2006). Com isso, em nossa análise, é notável essa oscilação de opinião, alimentada ora por segundas intenções, ora por uma oscilação da própria opinião pública.

Capa/Data	A favor	Contra
10		X
11		X
12		X
13		X – Editorial
14	X	
15	X	
16	X	
17	X	
18	X – Novas Pautas	
19		X
20	X – Vitória dos protestos de rua	

21		X
22		X
23	X	
24	X	
25	Novas pautas: os cinco pactos da presidenta Rousseff	

“Como num tabuleiro de xadrez, as peças são movidas seguindo as regras seculares do espetáculo, e outras aguardam as próximas regras propostas em pactos e disputas de poder” (WEBER, 2000). A visibilidade é algo central para o governo, não exatamente na forma da propaganda política, mas de se fazer ver, suas habilidades, suas conquistas “Os exercícios de poder nesta era são jogos de visibilidade” (WEBER, 2000). Até de esconder seus fracassos - como durante nossa Ditadura Militar, com suas propagandas de crescimento econômico que mascararam os mortos e torturados -, e da mesma maneira que um governo pode se legitimar por meio da mídia, ele pode ser altamente comprometido pela mesma, quando, não de modo aberto, mas de maneira constante, é posta em dúvida sua habilidade de administrar um país.

Ao capturar os acontecimentos e redirecioná-los para a ordem, o jornal os introduziu em um sistema já naturalizado de símbolos, poder e interesses, lhes aderindo significados sociais que tiveram desdobramentos reais em nosso país. É fundamental que entendamos que sim, o discurso tem o poder de moldar narrativas que estão em disputa, porém o próprio discurso também é objetivo de pugna.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso - uma psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; e visto que - isto história não certo de nos ensinar - e o discurso não é simplesmente aquilo que traduz lutas ou os sistema de dominação, mas

aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 1996, p.10).

Então, não seria uma obrigação moral e profissional do jornalista avaliar seu discurso e a quem ele está servindo? A imprensa está na base de todas as democracias, mas também esteve presente em todos os grandes golpes e guerras, desde os golpes militares e as sangrentas ditaduras imperialistas na América Latina, na propaganda nazista da Segunda Guerra Mundial, na guerra do Vietnã e nas eleições de Trump e Bolsonaro, no avanço da extrema direita neofascista. Informar é uma escolha e o que informar e como informar é parte dessa escolha, assim como se desconstruir, romper com a lógica neoliberal, classista, heteronormativa e eurocentrista é uma escolha.

Se o controle primordial começa com a disciplina dos corpos, que nossa desconstrução também comece, que tenhamos conhecimento da construção social de realidade que nos cerca e possamos reconhecer os preconceitos que propagamos através de nossos discursos, e que o jornalismo possa ser fonte de tensionamento e não de ratificação dos valores opressores e do interesse privado e que possamos, como classe trabalhadora, rever nossas responsabilidades e deveres.

Em especial nessa nova era que se inicia, na qual as redes sociais e a internet têm e terão um importante papel. Não poderemos escapar, sendo a única alternativa saudável discutir sobre esses novos contornos e sobre nosso novo papel em meio às *fakenews*, ao Twitter, ao Facebook; não se configurando como o “fim do jornalismo”, mas sim como uma possibilidade de recomeço e desenvolvimento.

Como disse o diretor de redação da Folha em meio a junho de 2013, “Tá na cara que a força e a rapidez de mobilização tá calcada nisso [redes sociais]. A maioria fica sabendo por ali [dos protestos], não tá nem aí para o que gente diz. O efeito disso temos que discutir”. O efeito disso no jornalismo, que potencialmente tiraria o papel do jornalista de guardião da passagem, já não podemos controlar quais notícias chegam aos leitores, telespectadores, ao público, nosso papel agora é exatamente o que discutimos durante todo esse trabalho: significar os acontecimentos, inseri-los num contexto, seja este social, internacional, emocional; e, o mais importante de tudo, que ao fazê-lo, não caiamos nas armadilhas das correntes e das injustiças e que possamos, por fim:

Aprofundar o diálogo entre a prática jornalística e o conhecimento sobre o jornalismo é buscar formas de estabelecer diálogos menos truncados e menos dissonantes entre o saber e o fazer na esperança de que o jornalismo possa, ao informar sobre a realidade, contribuir para o esclarecimento do mundo (BERGER, 2010, p. 24 - 25).

6 BIBLIOGRAFIA

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. Madrid: Random House, 2018.

BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e Acontecimento: Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

BIRD, Elizabeth S.; DARDENNE, Robert. **Mito, registro e “estórias”**: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: Questões, teorias e “estórias”**. 2º ed. Lisboa: Veja Editora, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo. Contexto, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. **A construção cultural da diferença dos sexos**. In: **Sexualidade, Gênero e Sociedade**, Rio de Janeiro, junho de 1995.

DAVIS, Angela. **MULHERES, RAÇA E CLASSE**. São Paulo: Boitempo, 2016

DEFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da Comunicação de Massa**. Nova Iorque: Zahar, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da Pirâmide**. Porto Alegre: Tchê, 1986.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. 5ª ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1991. 156 p.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar**. São Paulo: Hacker, 2003.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: Traquina, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993.

HAUBRICH, Alexandre. **Nada será como antes - 2013: o ano que não acabou, na cidade onde tudo começou**. Porto Alegre: Libretos, 2018.

JUNHO, o mês que abalou o Brasil. João Wainer. TV Folha, 2014. 72 minutos. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9qcrPve51qo&t=1137s>

KEEN, Andrew. **O CULTO DO AMADOR**: como blogs, MySpace, YouTube e pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os profissionais devem saber e o público deve exigir. Porto: Editora Porto, 2001.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2010.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LISBOA, Sílvia; BENETTI, Marcia. O jornalismo como crença verdadeira justificada. **Brazilian Journalism Research**, p.10-22, dez. 2015.

MENEZES, Cynara. **Golpe chileno: o papel sujo da mídia**. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/destaque-outras-midias/golpe-chileno-o-papel-sujo-da-midia/>
Acesso em: 29 de novembro de 2018

MOTTA, Luiz Gonzaga. **O Trabalho Simbólico da notícia**. XII Compós, Recife, 2002.

OLIVEIRA, Felipe Moura de. **Produção da notícia e movimentos sociais**: Processos de semiose no jornalismo. 2012. 287 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

OLIVEIRA, Felipe Moura de. **A Semiose da Notícia em ambiente de crise**: Movimentos em rede e mediação na semiosfera contemporânea. 2016. 206 f. Tese (Doutorado) - Curso de Jornalismo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo**: o que dizem veículos, jornalistas e leitores. 2016.

SILVA, Márcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo**: Modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2014.

WEBER, Maria Helena. **Comunicação e espetáculos da política**. Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. **Revista de Comunicação e Linguagens**, Lisboa, n. 27, p. 33 - 61, fev. 2000.

